

MARISSA FARRAR

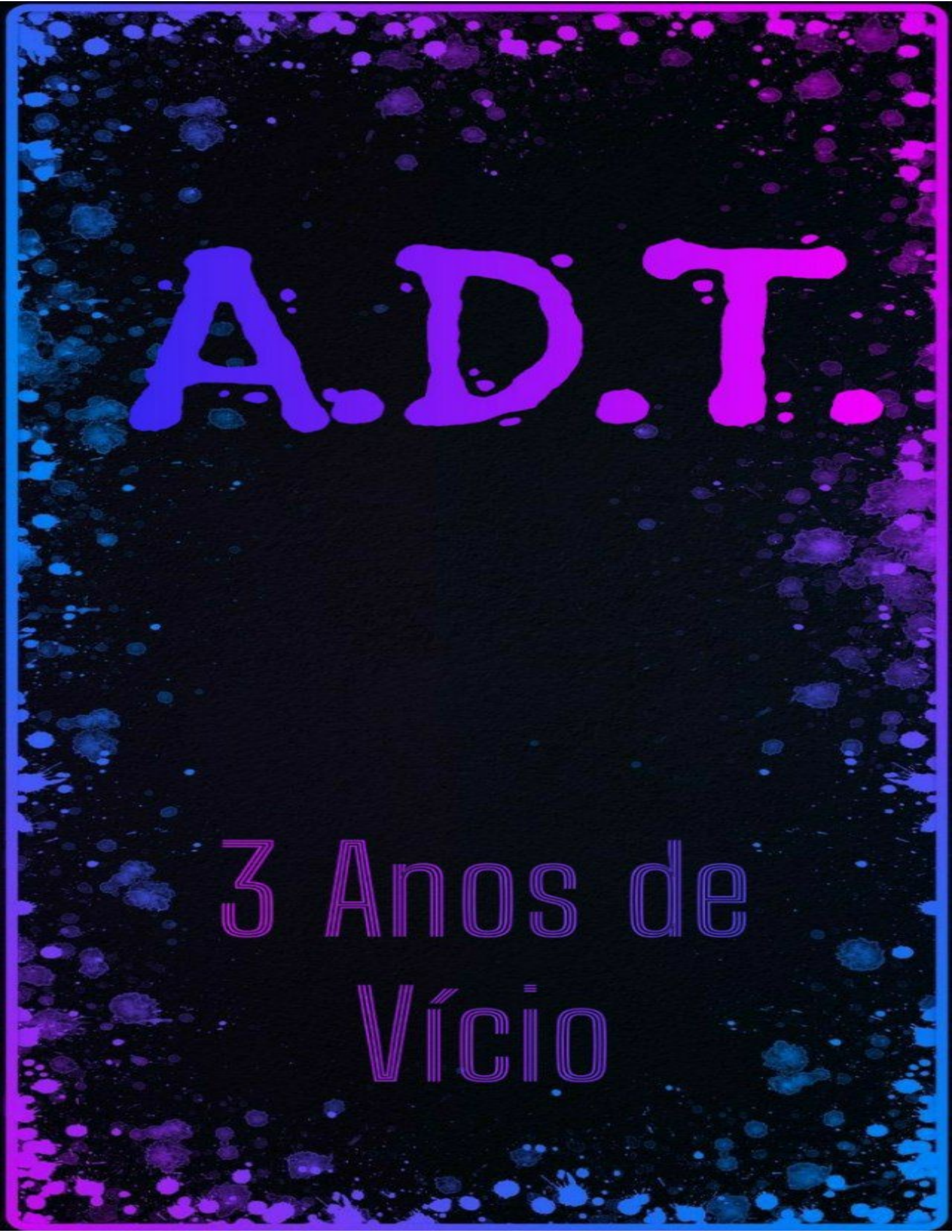
A woman with long blonde hair is shown in profile, looking out from inside a large, ornate wire cage. The cage has a decorative band around its upper section. The scene is dimly lit, with a blueish-grey tint.

CAGED BIRD
CAGED BIRD

the monster trilogy

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A.D.T.

3 Anos de
Vício

Sinopse

Um pássaro enjaulado.

É assim que ele pensa nela enquanto a mantém no porão, trancada dentro de uma enorme gaiola ornamentada.

Ele a alimenta com bandejas de comida pelas grades e tenta oferecer roupas limpas, mas ela as joga de volta para ele.

Não é isso que ela quer. Sem gentileza. No fundo, ele sabe do que ela precisa, imersão em um mundo de dor prazerosa para escapar de seus demônios.

Mas ele não tem certeza se é ele quem pode oferecer a ela o que ela precisa.

Afinal, ela o fez fazer isso...

Observação: Caged Bird é de uma série. É a história do que acontece com Jess e Chapman após o final de **Monster Trilogy**, mas pode ser lido como um livro autônomo completo. Contém acionadores - você foi avisado!

Lacamento

MARISSA FARRAR

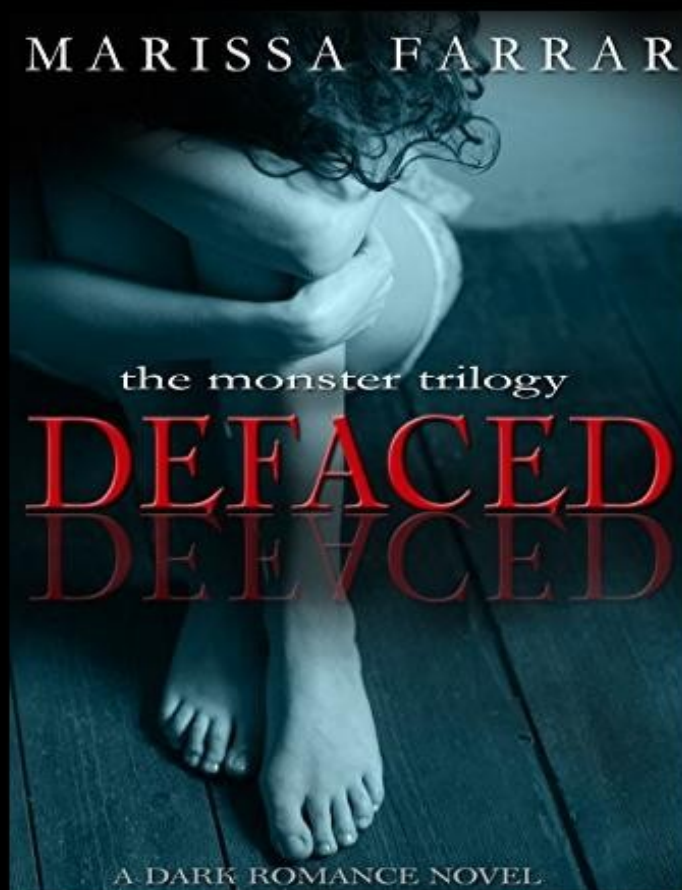
A black and white photograph of a woman with blonde hair, seen in profile from the chest up, looking out from inside a large, ornate wire cage. The cage has a domed top and a decorative band around its middle. The background is dark and moody.

CAGED BIRD
CAGED BIRD

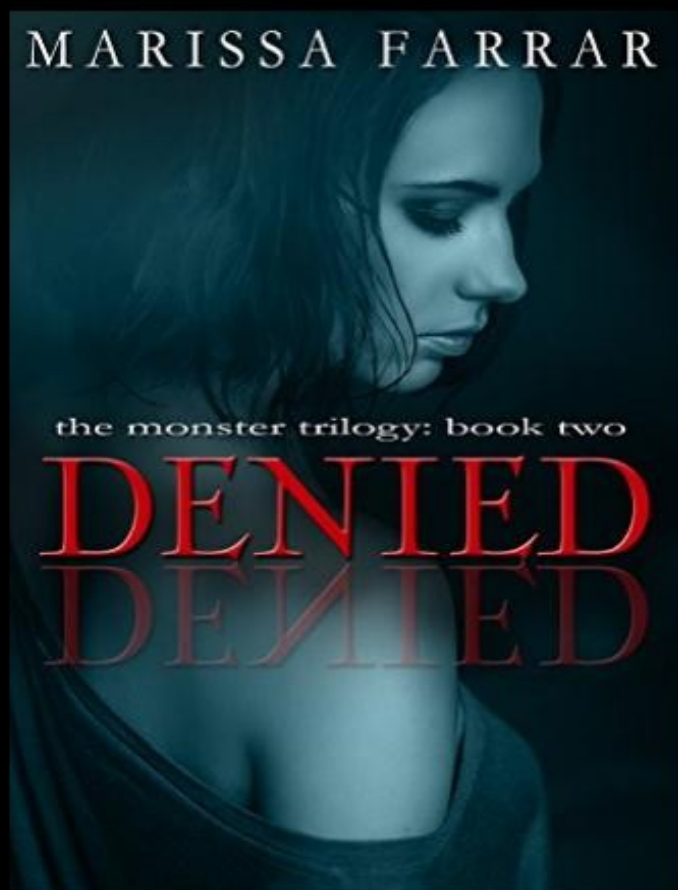
the monster trilogy

A Serie

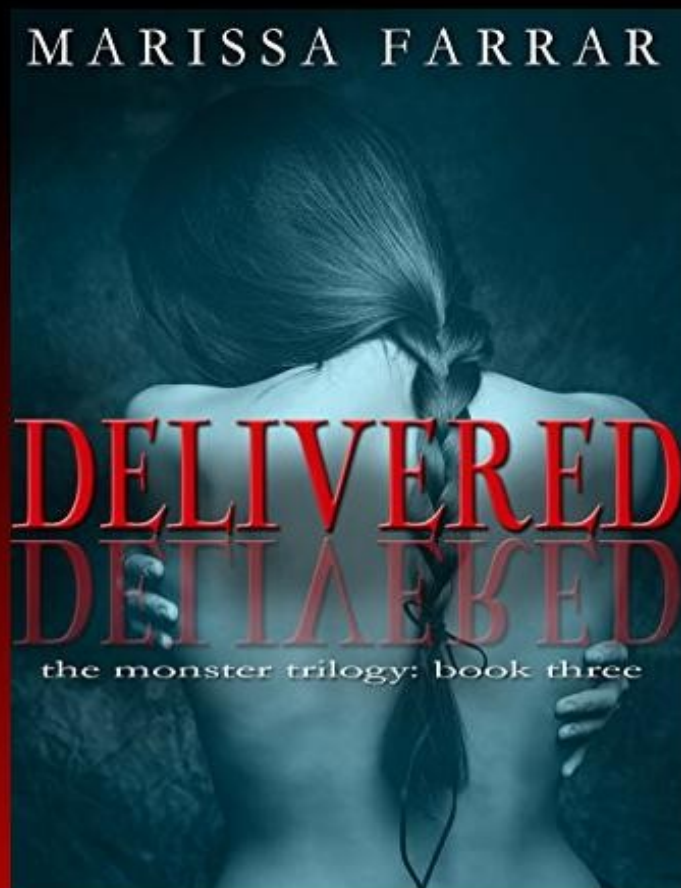
MARISSA FARRAR



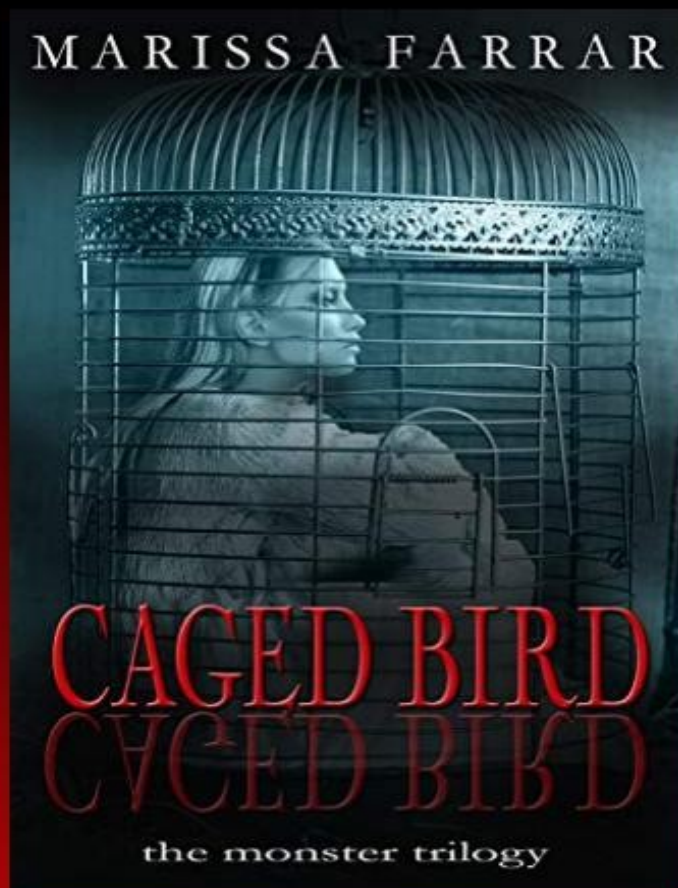
MARISSA FARRAR



MARISSA FARRAR



MARISSA FARRAR





Prólogo



Jess se sentou no chão empoeirado, um homem sangrando em seus braços.

Atrás dela, a casa que tinha sido sua prisão pegava fogo. Dentro da enorme propriedade, o rugido constante do fogo era interrompido pelo estalo e quebra do interior caindo aos pedaços. O cheiro forte de fumaça encheu o ar e subiu de sua pele e roupas.

Os minutos e horas se passaram, e ela perdeu a noção, sem saber há quanto tempo ela estava lá. Ela pressionou com força o ferimento de bala do homem por tanto tempo que seus dedos estavam dormentes, mas ela não ousou afrouxar o aperto para mexer eles para tentar colocar um pouco de sangue de volta neles.

Ela olhou para o rosto do homem que ela embalou em seus braços. Ele estava perigosamente pálido, seus olhos fechados, sua respiração superficial. Mas, apesar do perigo em que ele estava, ela não podia deixar de notar a retidão de seu nariz, o quadrado de sua mandíbula destacado pela barba por fazer, a forma como seu lábio inferior era um pouco mais cheio que o superior.

Um pensamento louco encheu sua cabeça e se Rodriguez, o homem que a possuía, não estivesse morto? E se ele estivesse prestes a sair cambaleando de casa, com a pele queimada, o cabelo em chamas, gritando para ela voltar? Que ela era sua propriedade. Que ela não tinha o direito de deixar ele assim. Que ela era *dele*.

Ela sempre foi de alguém. Ou pelo menos era o que parecia. Ela poderia se lembrar de sua vida antes de ser raptada? Antes de ela ser possuída? Ela podia, mas parecia que estava relembrando a história de outra pessoa. Já não pertencia a ela.

O homem deu um pequeno gemido e seu estômago embrulhou. Como eles o chamaram? Algo que começa com C? Ela deveria ter se lembrado. Outros haviam dito seu nome, mas sua mente estava tão carregada, um turbilhão de descrença e terror, que escapou de seus pensamentos tão facilmente como areia por entre os dedos.

C... C... C...?

Droga. Como ele foi chamado?

—Ei. — Ela falou suavemente. —Você pode me dizer seu nome?

Mas, além de outro gemido suave, ele não deu resposta.

Os dedos da mão tampando seu ferimento formigaram. Ela estava perdendo mais sensações ou alguma estava voltando? Ela não tinha certeza.

Monster e Lily já haviam chegado em segurança? Eles teriam notificado as autoridades? A ajuda chegaria em breve?

Apenas o calor da casa em chamas os mantinha aquecidos. O deserto era frio à noite, podia até ser gelado. Frio o suficiente para matar.

Mas então o som mais doce rompeu o rugido das chamas e o estrondo da madeira desabando. Ao longe, ouviu o uivo de sirenes se aproximando e seu coração se apertou de esperança.

Eles estavam vindo! Alguém estaria aqui em breve.

Eles iriam sobreviver.



Capítulo um



Ela pensou que isso seria mais fácil.

Pela primeira vez na vida, as coisas estavam indo bem para Jess Rhinestone. Ela estava livre do comércio brutal que a roubou e vendeu seu corpo como se fosse um pedaço de carne. Ela tinha um homem valente, forte e bonito ao seu lado, um homem que parecia adorar ela, embora ela não acreditasse que tivesse feito nada para merecer a adoração. Mas nada era fácil.

Ele merecia coisa melhor.

Chapman.

Ela aprendera seu nome completo agora, embora ainda pensasse nele como 'C.'

Ele quase morreu para salvar ela, mas agora ela não deu nada em troca.

A adrenalina inicial de escapar da Máfia a ajudou em seus primeiros dias de liberdade. Embora ela tivesse sonhado em ser livre por muito tempo, ela descobriu que a liberdade trazia seus próprios desafios. As noites dormindo na cadeira do hospital ao

lado da cama de Chapman, com medo dele morrer. As múltiplas perguntas da polícia. Sua preocupação com a mulher que esteve ao seu lado durante tudo, Lily, e o homem que tinha vindo por Lily.

Monster.

Ela disse à polícia exatamente o que havia prometido a Lily e Monster. Que ela foi sequestrada e vendida, e então houve uma explosão e as pessoas começaram a atirar. Ela disse a eles que Chapman a seguiu até a casa desde o porto e os contêineres onde ela foi mantida, e que ele a resgatou e era um herói. Ele não enfrentaria nenhum tipo de acusação por seu papel no que aconteceu.

Na época, a acusação era a menor de suas preocupações para ele. Ela pensou que ele morreria do ferimento à bala que sofreu, mas contra todas as probabilidades, Chapman havia se recuperado. Ela esteve lá com ele o tempo todo. Ela foi o primeiro rosto que ele viu ao acordar, ela chorou de alívio e eles se agarraram um ao outro, embora fossem virtualmente estranhos. E quando chegou a hora de ele sair do hospital, só fez sentido Jess ir com ele, continuar cuidando dele em casa.

Seus pais queriam levar ela para casa com eles, mas ela não aguentava. Eles se preocupavam com ela, tratando ela como uma criança, quando o que ela havia passado a deixava tão distante da infância que não era engraçado. Ela entendeu sua mágoa quando disse que não queria ir com eles, mas que os amava. Ela precisava de mais agora. Ela precisava estar com ele.

O que eles passaram os amarrou, mas Jess sentiu que ele tinha todo o poder. Mesmo enquanto seu amor por ele crescia, sua ansiedade e pânico aumentavam. Alguns acreditavam que o amor poderia curar todos os males, mas não para ela.

O mundo exterior não estava mais seguro. O toque de um homem já não lhe trazia nenhum prazer.

Embora agora ela estivesse livre, seu mundo ficava menor a cada dia e, conforme acontecia, ela também. Jess se retraiu em si mesma, lutando contra o menor contato humano, não querendo sair das quatro paredes da casa de Chapman.

Eles moravam juntos agora, mas ela e Chapman não haviam compartilhado mais do que um breve beijo, um abraço, um toque de mãos, e mesmo isso foi uma luta para ela. Embora quisesse, não conseguia fazer mais nada e odiava ver a rejeição e a mágoa em seu rosto bonito.

Nos meses seguintes, ele a levou para ver um médico, um psiquiatra. Aquele não ajudou, nem o próximo, nem o próximo. Eles prescreveram medicamentos que a deixavam com náuseas e tonturas, e sua ansiedade só aumentava.

—Você deveria me deixar ir, — ela disse a ele, enquanto eles se sentavam juntos no sofá uma noite, ela sentada em uma extremidade, os joelhos puxados até o queixo, os braços em volta das pernas.

Ele olhou para ela com o cenho franzido. —Deixar você ir para onde?

Ela encolheu os ombros. —Não importa. Apenas longe de você.

A mágoa percorreu seu rosto. —É isso que você quer?

—Você merece melhor do que isso. Do que eu. Você deveria estar vivendo sua vida e, em vez disso, está preso a mim.

—Eu não estou preso a você. Eu me importo com você. Não vou deixar você sobreviver a tudo o que fez, apenas para jogar sua vida fora.

Ela estudou sua expressão. —Você não pode ver que eu sinto exatamente o mesmo por você?

—Então é por isso que você precisa melhorar.

Lágrimas encheram seus olhos. —Mas nada está funcionando. Eu só estou piorando. Eu sou um peso morto em volta do seu pescoço e estou arrastando você comigo.

—Não, Jess, você é minha razão para continuar nadando. — Ele estendeu a mão para ela, mas ela lutou para não recuar quando seus dedos tocaram os dela. —Encontraremos algo que funcione, eu prometo. Farei tudo o que puder para te ajudar. Vou para o outro lado do mundo e volto se for preciso.

—Chega de drogas, — disse ela, apertando os dedos nos dele, se lembrando de que era Chapman, não um estranho cruel. —Não aguento mais drogas.

Ele se inclinou e colocou seus lábios quentes em sua testa, a barba crescida do dia arranhando sua pele. Ela fez o possível para não recuar. Ela não queria se sentir assim.

—Chega de drogas, — ele repetiu de volta para ela.



Capítulo Dois



Chapman estava sentado no computador de seu escritório em casa, lendo artigo após artigo sobre o tratamento do Transtorno de Estresse Pós-Traumático, tentando encontrar uma resposta.

Isso era uma tortura.

Jess era uma criatura linda, frágil e danificada, que também era totalmente inatingível. Ele não sabia se queria ser seu pai ou transar com ela.

Fisicamente, ele se recuperou de seus ferimentos. Pelo menos quando ele estava doente, seu desejo sexual não tinha adicionado às complicações, mas agora ele não podia fingir que não a queria. Seus excelentes níveis de condicionamento físico antes do tiroteio na casa do mafioso, onde ele ajudou a salvar Jess, ajudaram em sua rápida recuperação. Embora ele não estivesse no nível de condicionamento que estava, ele estava chegando lá.

Ele só queria que Jess também estivesse. Ele se sentia responsável por ela e, a cada dia, ficava cada vez mais preocupado com ela. Nada estava ajudando, nenhum dos médicos ou medicamentos que eles experimentaram.

Eles estavam sem opções.

Ele entendeu por que ela estava com tanto medo. Ela foi roubada e mantida em cativeiro, usada e abusada. Antes de seu sequestro, ela passou a vida pensando que estava segura, mas agora ela sabia que não estava. Não admira que ela estava com medo de sair pela porta da frente. Não importa o quão racionalmente ele tentasse explicar que as chances de ela ser sequestrada duas vezes na vida eram quase nulas, a verdade é que ainda acontecia. Mulheres eram levadas e vendidas todos os dias, e ele não podia prometer que ela estava completamente segura.

Ela sabia melhor.

Mais tarde naquele dia, ele a encontrou sentada em seu computador, a guia do navegador aberta para os artigos que ele estava lendo antes.

—Eu encontrei algo, — ela disse, sem se virar para ele.

Ele cruzou a sala para ficar atrás dela. —O que é?

—Veja.

Ele se inclinou mais perto para poder ler o texto na tela.

Terapia de imersão.

—O que é isso? — Ele perguntou.

Ela se virou para encarar ele e, pela primeira vez, ele viu algo parecido com esperança em seus traços delicados. —Quando alguém tem medo de alguma coisa, é forçado a enfrentar uma

situação em que deve enfrentar isso. Eles aprendem que podem enfrentar e sobrevivem, e então são capazes de continuar com suas vidas.

Ela fez isso parecer tão simples.

—Isso é para pessoas que têm medo de algo como altura, ou aranhas, ou espaços lotados. Como vamos curar seu medo, Jess?

—Diz aqui que também funciona para ansiedade, pânico e distúrbios sexuais. Não é exatamente disso que estou sofrendo?

—Acho que sim, mas é mais do que isso, não é?

—Meu medo é de ser levada, mantida em cativeiro. De sentir o toque de um homem e obter prazer com ele, embora eu saiba que é errado pensar assim.

—Exatamente.

Aonde ela queria chegar? Ele se atreveu a permitir que seus pensamentos fossem para a possibilidade de submergir ela em todas essas coisas, e seu pau formigou em resposta, o sangue fluindo para sua ereção crescente.

—Você é um homem, — ela disse suavemente. —Você tem um porão. Tudo o que precisamos é de uma gaiola.

Um choque de alarme passou por ele. —Uma gaiola?

—Existem gaiolas de pássaros grandes o suficiente, gaiolas de papagaios. Eles são quase como aviários.

—Não importa o quão grande seja! Ainda é uma gaiola.

—É o que eu preciso. Para enfrentar meus maiores medos.

Ele balançou sua cabeça. —Jess, não. Pare com isso.

Ela olhou para ele, seus olhos azuis úmidos de tristeza. —Como posso? Não podemos continuar assim. *Você* não pode continuar assim. Não é justo com nenhum de nós.

Ele queria tapar os ouvidos com as mãos e não ouvir, mas não havia como fugir dela. Ele pensou muito, sua mente buscando uma opção mais fácil. —Por que não pode ser apenas um quarto? Talvez possamos conseguir uma fechadura para a porta do seu quarto e fazer assim?

Ela balançou a cabeça. —Não pareceria real. Precisa ser ruim. Eu preciso sofrer.

Seu coração se partiu com suas palavras. —Ah, inferno, Jess. Você já sofreu o suficiente. Você está se punindo por querer fazer isso.

—Não, você está errado. Esta é a primeira coisa que parece certa.

Ele a olhou nos olhos, tão aberta e honesta. Ele acreditava que *ela* achava que o que estava dizendo era certo, mas como ele poderia fazer uma coisa dessas com ela? Ele ajudou a salvar ela daquele tipo de vida, e agora ela queria que ele a jogasse de volta nisso? Era o que ela realmente queria? Uma parte dela desejava nunca ter sido resgatada do chefe da máfia que a possuía? Dúvida e

ciúme se enredaram em seu coração. Ele não queria acreditar em tal coisa. Ela era como uma pessoa que passou tanto tempo na prisão que não sabia mais como existir no mundo exterior? Jess tinha sido internada?

Ele se forçou a desviar o olhar dela e balançou a cabeça. —Sinto muito, Jess. Eu não posso fazer isso.



Capítulo Três



A recusa de Chapman em realizar seu plano a fez se sentir como se tivesse sido pega na areia movediça, e não importa o quanto ela lutasse contra isso, sua ansiedade continuava a puxar ela para baixo.

Ela tentou falar com ele, mas ele não quis ouvir. Cada vez que ela mencionava a terapia de imersão, ele a cortava. Ele tinha sido seu bloqueio de som, a única pessoa em quem ela podia confiar para sustentar ela quando ela precisava de algo sólido para se agarrar, e agora ele estava escapando também.

Jess estava perdendo as esperanças. Uma névoa negra a cercava, pressionando ela para baixo, então ela se sentiu como se tivesse que carregar seu peso nas costas, arrastando atrás dela. Isso fazia com que as tarefas mais simples parecessem impossíveis de realizar, sair da cama pela manhã, tomar banho e lavar o cabelo. Ela lutou para ver um motivo para se preocupar quando nada iria mudar. Chapman estava tentando não notar sua deterioração. Ele preparou suas refeições favoritas de robalo grelhado e massa de cabelo de anjo com limão e camarão, terminando tudo com bolo de chocolate quente e sorvete de

baunilha. Ela comeu, elogiando ele por sua comida, querendo fazer ele feliz, e o tempo todo sem provar um único pedaço.

As lágrimas nunca estavam longe da superfície. Embora, por fora, ela não tivesse nada pelo que chorar, ela ficaria surpresa com elas, escorrendo por suas bochechas sem nenhuma razão que ela pudesse determinar.

Como ela poderia continuar assim? Ela precisava que Chapman visse o quão desesperada ela estava, e as palavras não iam cortar ela.

Cortar.

Talvez essa fosse a única maneira de chamar sua atenção. Ela não queria morrer, longe disso. Ela queria viver e viver bem. Houve um momento em que ela foi mantida em cativeiro onde ela acreditou que não aguentaria mais, e ela usou um lençol para tentar se enforcar. Teria funcionado também, se não fosse por Lily encontrar ela a tempo. Ela sabia como era querer morrer e não estava naquele lugar. Ainda não, de qualquer maneira.

Ela não queria chocar ou machucar Chapman, mas ele a calou sempre que ela tentou falar com ele sobre o que ela ainda acreditava que precisava.

—Vou tomar um banho, — disse ela naquela noite.

Ele ergueu os olhos do livro que estava lendo, algum thriller de um autor popular. —Certo. Chame se precisar de alguma coisa.

Ela não respondeu, apenas se virou e foi embora. Ela esperava que isso fosse o suficiente para fazer ele se preocupar com ela. Não era que ela quisesse que ele se preocupasse mais, mas ele não a encontraria de outra forma, e ela precisava que ele a encontrasse. Ela era uma pessoa egoísta? Ela disse a si mesma que estava fazendo isso pelos dois, que eles poderiam continuar e viver uma vida feliz juntos, mas isso era apenas uma desculpa? Seria melhor se ela deixasse ele ir e fazer isso de verdade? Não, essa era uma linha de pensamento perigosa. Ela tinha que continuar lutando. Lutar não era egoísta.

No banheiro, Jess se inclinou e abriu a torneira. Água fumegante encheu a banheira de porcelana e, lentamente, ela tirou o vestido e tirou a calcinha. Ela mergulhou um dedo do pé na água. Estava muito quente, mas ela ignorou o grande desconforto queimando seu pé e perna. Ela gostou da dor. Isso permitiu que ela sentisse algo diferente do entorpecimento triste que ocupava seus sentimentos em noventa e nove por cento do tempo. Ela acrescentou o outro pé à banheira, entrando totalmente, e então afundou em seu traseiro, a água escorrendo por seu corpo, deixando sua pele rosa brilhante. Quanto tempo demoraria antes que ele pensasse em ver como ela estava? Minutos? Ou horas?

Ela se reclinou na água e fechou os olhos. Ela deveria estar ansiosa agora, esperando o momento de chegar, mas em vez disso, uma estranha sensação de paz caiu sobre ela. As coisas mudariam agora, de uma forma ou de outra. Ou Chapman veria o quão

desesperada ela estava e concordaria com seu plano, ou ela saberia que era hora de parar de lutar. De certa forma, isso por si só já seria um alívio.

Embora seus olhos estivessem fechados para o ambiente, os azulejos creme de bom gosto e o banheiro branco, ela apurou os ouvidos para qualquer som dele se aproximando. Ela já havia preparado o que precisava, a pequena lâmina a apenas alguns milímetros da ponta dos dedos.

Passos se aproximaram, o rangido familiar de uma tábua do assoalho quando o peso pressionou sobre ela. A torneira pingava, muito alta e oca. *Plink, plink, plink*. Ela o sentiu hesitar do lado de fora e o imaginou levantando a mão.

Ele bateu na porta.

Jess abriu os olhos e pegou a lâmina.

—Jess? — Sua voz veio profunda, ligeiramente abafada pelo bloqueio da porta. —Você está bem?

Ela não respondeu. Em vez disso, ela colocou a lâmina contra a parte interna do pulso de sua mão oposta.

—Jess? — Seu chamado era mais urgente desta vez. —Ei, me responda, sim? Você adormeceu aí?

Ele bateu de novo, mais alto. Ela não tinha trancado a porta, mas ele não sabia disso. Ela desejou não ter que causar a ele esse

pânico e preocupação, mas era a única maneira de fazer ele conversar.

—Jess!

A maçaneta girou e, ao fazê-lo, ela empurrou a parte afiada da lâmina em sua pele.

A porta se abriu e sua grande forma preencheu o espaço.

—Que porra é essa!

Ele caiu de joelhos ao lado dela e pegou sua mão, apertando até que a lâmina caiu de seus dedos na água.

—Por que você faria isso? Por que você se machucaria?

Ela olhou para ele. —Você sabe porque.

Ele a puxou para fora da banheira, envolvendo ela em uma toalha branca e fofa. Eles se sentaram juntos no chão de ladrilhos, ela tremendo em seus braços, ele com os dedos pressionados na pequena ferida para estancar o fluxo de sangue. Não era um grande corte. Ela nunca quis que fosse.

—Você precisa de ajuda, Jess. Você precisa de médicos e medicamentos.

Ela balançou a cabeça. —Não, nós tentamos tudo isso. Nada funcionou. Isso só me fez piorar. E se eles me trancarem em um hospital? Eu vou morrer lá. Vou definhir e morrer.

—Eu não sei mais o que fazer.

A dor em sua expressão era tão aguda que ela a sentiu tão intensamente quanto a dela. Ela odiava estar fazendo isso com ele, mas não havia outra escolha. Se ela fosse para o hospital e desistisse lá, como sabia que faria, isso também lhe causaria dor. Ele se culparia, se perguntaria se poderia ter feito mais. Ela queria tanto ser feliz, e ser feliz *com* ele e *por* ele, mas isso nunca aconteceria a menos que ele desse a ela o que ela precisava.

—Sim, você sabe, — ela disse suavemente.

Suas narinas dilataram, seus lábios apertados. —Não quero falar sobre isso de novo.

Ela pegou a mão dele, ignorando o fino filete de um vermelho brilhante que escorria por seu pulso e pingava em sua pele, unindo-os com sangue. —Eu sei que você não quer, mas nós temos que fazer. Você também está sofrendo, C. Não temos pelo menos que tentar isso, não só por mim, mas por você também? Não desista de mim. Por favor.

Ele hesitou, seus olhos se fechando por um momento e depois se abrindo novamente. Ele exalou um suspiro lento e olhou para cima. —Se fizermos isso, deve haver algumas regras.

Pela primeira vez desde que ela foi libertada, uma centelha de esperança acendeu em seu coração. —Claro.

Quando ela foi resgatada, e ela conheceu Chapman, ela pensou que tudo ficaria bem. Ela acreditava que esse ponto tinha sido seu final feliz, mas não foi. Talvez tenha sido o trauma pelo que ela

passou, ou talvez tenha sido assistir Chapman quase morrer. Ela não sabia. Mas algo dentro dela estava quebrado e precisava ser consertado, e ele era a única pessoa em quem ela confiava para consertar.

—Não vou deixar você morrer de fome, — ele disse, balançando a cabeça levemente, como se mal pudesse acreditar que estava dizendo as palavras. —Eu não vou privar você de água, ou te machucar...

Ela o interrompeu. —Precisa haver alguma dor. Uma aspereza. Uma certa quantidade de força. Não vai parecer real de outra forma.

Ele apertou os lábios, pensando. —Certo, mas eu não vou marcar você. Não vou deixar um hematoma. — Seu olhar baixou para o corte na parte interna de seu pulso. —Nunca fazer você sangrar.

Ela acenou com a cabeça. —Certo. O que mais?

—Se você disser que quer sair, deixo você sair imediatamente.

Mais uma vez, ela balançou a cabeça. —Não, precisa ser uma palavra segura para me deixar sair. Eu preciso ser capaz de implorar por minha liberdade.

Sua mão se enroscou em seu cabelo. —Porra, Jess. Você sabe como isso vai ser difícil?

Ela odiava que ele estivesse se submetendo a algo com o qual claramente se sentia desconfortável, mas eles não tinham escolha.

—Você se importa comigo? Você me quer? Você quer que vivamos como um casal normal?

—Você sabe que eu quero. Mais do que tudo.

—Então nós temos que superar isso. Quero sentir prazer novamente com o toque de um homem e, para isso, preciso enfrentar meus medos. Eu preciso romper com eles, e eu preciso que você seja o único a me ajudar. Não há ninguém mais neste mundo que eu confio da maneira que confio em você.



Capítulo Quatro



Naquela noite, Chapman se viu de volta ao computador, procurando grandes gaiolas de papagaio para venda. Jess estava certa. Elas eram grandes o suficiente para abrigar uma pessoa, especialmente uma tão franzina quanto Jess.

Agora que ele tomou a decisão de fazer o que ela pediu, seus sentimentos em relação à situação começaram a mudar. Ele se permitiu lembrar de Jess como ela era quando se conheceram, assustada, mas esperançosa, dura, mas frágil. Ele queria aquela Jess de volta tanto quanto ela. Embora ela tivesse sido danificada naquela época, ele assumiu que ela teria ficado melhor com o tempo, e nunca tinha imaginado que ela voltaria atrás.

Como se sentiria quando ela estivesse na jaula? Ela queria que ele a fizesse superar seus medos de ser trancada, sozinha no escuro. Sua vida não era mais dela.

Ele era para possuir ela.

Ela faria tudo o que ele mandasse.

Uma emoção de luxúria surgiu através dele, condensando em suas bolas e se alongando através de seu pau. Fazia muito tempo

desde a última vez que ele fez sexo, desde antes de quase morrer. Ele e Jess compartilhavam um relacionamento íntimo, mas não físico. Ainda não, de qualquer maneira. Ele não era capaz de fazer sexo quando saiu do hospital, embora o pensamento tivesse cruzado sua mente com Jess por perto. Ela não tinha nenhum outro lugar para ir, esta mulher corajosa que o segurou enquanto a vida dele se esvaia, tinha ficado com ele mesmo depois que ele foi baleado, em um lugar onde ela poderia facilmente ter enfrentado o perigo. Ele havia levado um tiro ajudando a resgatar ela, e em vez de fugir, como ela poderia ter feito, ela ficou com ele, estancando o sangramento. Se ela não tivesse feito isso, ele não tinha dúvidas de que estaria morto. Então, como se isso não fosse o suficiente para agradecê-lo, ela permaneceu ao lado de sua cama enquanto ele estava inconsciente, e então, depois que ele acordou, ele ficou mais forte também. Ela não tinha nada e ele não iria ver ela nas ruas. Além disso, algo nela o fascinava. Ela não era como as outras mulheres que ele conhecera, as vivazes que usavam toneladas de maquiagem e queriam beber e sair para dançar. Não, Jess estava quieta, vigilante, carinhosa. Mas à medida que ele ficava mais forte, sua ansiedade e transtorno ficavam cada vez piores. Quando ele foi capaz de fazer sexo novamente, ela se retirou para dentro de si mesma, até que eles se encontraram na posição em que estavam agora.

Ele clicou em algumas telas, verificando as gaiolas à venda. A maioria ele descartou instantaneamente, muito pequena, não alta o suficiente, feia como o pecado. Mas então ele parou.

—Jess, venha olhar isso.

Ela estava enrolada no sofá, os pés enfiados sob o corpo, fazendo-a parecer ainda menor. Ela segurava um livro em seu colo, seu cabelo loiro caindo sobre seu rosto, mas não escapou de sua atenção que ela não tinha virado uma página nos últimos vinte minutos.

Jess se desdobrou e se levantou. Ela se aproximou e ficou ao lado da cadeira dele, a mão apoiada na superfície da mesa enquanto se inclinava. Um pequeno Band-Aid cobriu o corte na parte interna de seu pulso, e ele tentou não olhar para ele. Uma lufada de doce baunilha encheu suas narinas, o cheiro do sabonete líquido que ela usava.

—O que você acha? — Ele perguntou a ela, olhando para o rosto dela.

Sua atenção estava grudada na tela. —É perfeito.

Ornamentado, curvado no topo, com barras de ouro rosa.

Bela. Caro. Sim, perfeito.

Ela deve ter percebido o preço quando de repente se endireitou. —Ah não. É muito.

—O dinheiro não importa, Jess.

Ele tinha muito do tempo que passou trabalhando para o homem conhecido apenas como Monster. Ele havia sido bem pago durante seu serviço e tinha poucas despesas. Ao longo dos anos, ele

foi capaz de comprar esta casa de uma vez e acumular algumas economias. Ele não tinha família, nada mais com que gastar. Por que não ela? Ele gostava de pensar que voltaria ao trabalho um dia, mas teve o incidente de quando foi baleado. Talvez a aposentadoria não estivesse muito longe, afinal.

—Quando chegará aqui? — Ela perguntou, não discutindo mais o preço.

—Dois dias. Tudo bem pra você?

Ela acenou com a cabeça. —Sim, isso vai me deixar ficar preparada.

—Preparada?

—Mentalmente e fisicamente.

—Há algo mais que eu possa fazer?

Ela balançou a cabeça. —Não comigo, não, mas vamos precisar de uma fechadura forte.

Uma fechadura forte. Para segurar ela quando ela estiver lutando para sair.

Chapman engoliu em seco e afastou a imagem. Ele não podia pensar muito sobre isso, ou ele poderia não ser capaz de fazer nada.

Quando a gaiola chegou, o fez em várias partes. Era muito grande para caber em qualquer porta inteira. Chapman carregou

cada seção, uma por uma, para o porão. Ele tinha eletricidade lá embaixo, então ele era capaz de ver o que estava fazendo. Embora Jess insistisse em ficar no escuro quando chegasse a hora, ele não queria fazer isso por muito tempo. Isso o tranquilizou saber que ele poderia simplesmente acender uma luz se necessário.

Jess ligou para os pais dela para dizer que ele a levaria de férias por algumas semanas, então eles não deveriam se preocupar se ela não estava em contato. Eles ainda se preocupariam, é claro que se preocupariam depois do que tinha acontecido com ela, mas ela disse a ele que não poderia viver sua vida tentando não preocupar seus pais.

A gaiola era fácil de montar. Quatro lados, um com uma porta de vaivém posicionada no centro. A parte superior também veio em quatro peças, embora fossem curvas e encaixadas para criar uma cúpula ornamentada. A gaiola foi projetada para exibir pássaros tropicais caros, araras e outros tipos de papagaios.

Não uma garota.

Jess desceu para assistir enquanto ele construía a gaiola. Ele olhou furtivamente para o rosto dela enquanto trabalhava. O que ele esperava ver? Medo, talvez? Trepidação? Mas em vez disso, ele viu uma espécie de paz em seus traços delicados, como se ela estivesse realmente olhando para casa.

Ele se endireitou do projeto. —E agora?

—Agora eu vou para dentro.

—Você só vai entrar lá e fechar o portão?

—Não, C. Você tem que me colocar lá.

—O que?

Ela sustentou seu olhar. —Faça. Me force.

Então ela se virou e subiu as escadas.

Ele hesitou por um momento e depois foi atrás dela. Em sua mente, parecia um jogo, uma encenação. Era só isso? Talvez ele simplesmente precisasse pensar assim para passar por isso. Ele a perseguiu escada acima, a madeira rangendo sob seus passos pesados.

Por qual caminho ela foi? —Jess?

A casa era de bom tamanho, e ele hesitou, se perguntando que caminho seguir primeiro. Ele estava mais próximo da sala de estar, então ele entrou lá. Ele verificou atrás da porta, das cortinas, do sofá, mas não havia sinal dela.

—Jess? — Ele gritou. —Onde você está?

Ele sabia que ela não iria responder, mas não conseguiu evitar de chamar ela.

A cozinha também estava vazia e não havia lugar para se esconder lá. Saindo do andar térreo, ele subiu as escadas até os quartos. Eles dormiam em quartos separados, mas ele não foi atraído para o quarto dela primeiro, mas para o dele.

Ele ficou no centro do quarto, seus ouvidos atentos para qualquer som. Ele ouviria sua respiração? Ouvir a batida de seu coração?

Chapman se ajoelhou para espiar embaixo da cama. Lá estava ela, seus olhos azuis claros arregalados na escuridão.

—Peguei você. — Ele estendeu a mão e a pegou pelo braço.

Jess recuou. —Não, me solte!

Seu primeiro instinto foi fazer o que ela pediu, mas então ele se lembrou do que havia prometido a ela. Ele não poderia cair no primeiro obstáculo.

Ela se afastou dele, então ele puxou com mais força e ela saiu, deslizando de barriga para baixo no piso de madeira polida. Ele puxou ela para ficar de pé e passou o braço em volta de sua cintura, prendendo os braços ao lado do corpo. Jess lutou contra ele, mas ele sabia que ela poderia ter se libertado se quisesse. Tudo o que ela precisava fazer era pedir. Os dois estavam testando as águas, dançando em torno um do outro, se certificando de que estavam em um ponto que funcionava para os dois.

Ela foi esmagada contra seu corpo, suas costas arfando a cada respiração. O cabelo dela estava a centímetros de seu nariz, e ele queria abaixar o rosto e inalar o cheiro dela. Seu vestido fino era algo que poderia ser facilmente levantado, expondo seu traseiro. Ele ansiava que ela se entregasse a ele, parasse de lutar, mas isso era o que ela queria. Ela não queria receber carícias e beijos suaves, ela

queria que lhe mostrassem que o que ela mais temia era algo que ela poderia sobreviver.

Segurando ela com mais força, ele a conduziu na direção da porta do quarto e para o corredor. Eles desceram as escadas juntos, e então ele a empurrou pelo corredor, em direção à porta que levava ao porão. Ela se contorceu e resistiu em seus braços, e ele tentou não deixar que sua luta o deixasse duro. Ele falhou. Ele tinha certeza de que ela seria capaz de sentir sua ereção empurrando na parte inferior de suas costas, mas se o fez, ela não disse nada. Ele a queria, tanto. Mas ele queria que ela o quisesse em troca. Ele não era o tipo de homem que forçaria uma mulher se ela lhe desse alguma ideia de que ela não gostava disso, mas ele tinha a sensação de que Jess iria testar esses limites.

Ele a empurrou para frente, através da porta e então para dentro do porão. As luzes ainda estavam acesas e a enorme jaula estava no meio da sala como um pedaço de um romance de *Alice no País das Maravilhas*. Era estranhamente bonito, não só por causa das barras de ouro rosa ou dos redemoinhos de metal ornamentado no topo, mas porque continha a possibilidade de ele e Jess se conectarem em um nível totalmente novo.

Ele a empurrou para a gaiola.

Ela se debateu em seus braços. —Não, por favor, não.

Era uma atuação, ele sabia disso, mas não pôde evitar a torção de seu coração com as palavras dela.

Ele deixou a porta da gaiola aberta. Sua luta aumentou à medida que ele se aproximava, mas ele segurou firme. Ele a soltou com uma mão par forçar a parte de trás de sua cabeça para fazer ela se abaixar, e então lhe deu um empurrão final para dentro da jaula. Ela cambaleou para frente, e ele rapidamente fechou o portão e trancou o cadeado que havia comprado, trancando ela do lado de dentro.

Jess se endireitou, olhando para ele.

—Pronto. — Sua voz estava estranhamente baixa. —Você conseguiu o que queria. E agora?

—Agora, você me deixa.

Ele não queria. Odiava a ideia de seus pés descalços e pernas pressionando contra o metal frio e implacável das barras, mas era o que ela queria, e ele não podia apenas sentar e observar ela dentro da gaiola. Isso o deixaria louco.

Em vez disso, ele acenou com a cabeça e se virou. Ele subiu as escadas, o piso rangendo sob seu peso. Quando ele alcançou o topo, ele se virou para ver ela se acomodando no meio da jaula. Ela olhou para cima e chamou sua atenção.

Chapman estendeu a mão e apagou a luz.



Capítulo Cinco



Ela se sentou na escuridão, seu coração batendo forte como as asas de um passarinho assustado.

A risada borbulhou dentro dela com o pensamento. Isso é o que ela era agora, um passarinho assustado. Um pássaro em uma gaiola de sua própria criação.

Chapman fizera tudo o que ela pedira a ele. Ela não podia desejar mais. Ela teve uma sorte insana de encontrar um homem como ele, um homem que iria esticar seus próprios limites de moralidade para ajudar ela. Ele tinha feito sua parte e agora era a vez dela. Ela prometeu a ele que isso a faria melhor, e ela não queria decepcionar ele. O pensamento dele fazendo tudo isso por nada partiu seu coração. Se ele fizesse tudo isso e ela ainda não melhorasse, isso o quebraria também.

Memórias do que ela havia passado antes a inundaram. Ela foi sequestrada e mantida em um enorme contêiner de metal, junto com outras garotas que foram roubadas para o comércio sexual. Ela ainda conseguia se lembrar dos cheiros, da combinação de urina das garotas sendo forçadas a urinar onde estavam sentadas, com o sabor salgado do mar próximo. Ela não tinha

certeza se seria capaz de ir à beira-mar novamente sem que o cheiro a levasse de volta ao tempo no contêiner.

A lembrança fez seu coração bater mais forte, e seu pânico cresceu. Isso era o que ela precisava controlar, o que ela precisava aprender a controlar. Ela tentou desacelerar a respiração, fechando os olhos contra a escuridão e inspirando e expirando lentamente.

Está tudo bem. Esta é uma situação controlada. Chapman nunca vai machucar você.

Ela sabia que isso era verdade, mas também precisava que ele a levasse ao limite. Ela esperava que ele entendesse isso também. Mesmo quando ela estava tentando controlar um ataque de pânico, ela já estava pensando no tempo que viria, no que ela precisava suportar, e estranhamente, em vez de o pânico piorar, ela percebeu que ele havia diminuído.

Ela estava sentada no fundo da jaula, no escuro. E ela se obrigou a abrir os olhos.

Ela venceria esse medo. Conquistaria isso. Ela era mais forte do que pensava.

Jess se obrigou a se levantar. Ela conhecia os arredores de vista, mas agora ela queria aprendê-los com o toque. O porão não tinha luz alguma, a escuridão pressionando seus olhos. Ela estendeu a mão e suas mãos encontraram as barras lisas e frias. Outra sacudida de pânico a apunhalou, mas ela lutou contra isso, tentando desacelerar sua respiração. A sensação do metal frio a

transportou de volta ao contêiner, onde o chão, as paredes e o teto eram todos de metal. O que aconteceu com as outras garotas com quem ela foi mantida? Ela conhecia uma delas, aquela com quem ela havia escapado, Lily, tinha continuado a viver sua vida, mas as outras ainda eram vivas? Usadas e abusadas diariamente pelos homens que as compraram? O pensamento fez sua frequência cardíaca disparar. Ela estava livre, mas ela escolheu ser trancada novamente. Quão confusa ela estava? Sua mente estava quebrada. Essa era realmente a maneira de consertar?

Jess soltou as barras e cambaleou para trás, caindo de bunda no chão de plástico para pegar a bagunça dos pássaros que deveriam viver na gaiola. Sua pele começou a suar frio, as palmas das mãos úmidas. Sob suas axilas e seios, manchas úmidas de suor grudavam no tecido fino de seu vestido. A familiar certeza de que ela iria morrer, que seu coração iria desistir e sua cabeça explodiria, e tudo o que ela restaria era uma pequena poça de carne e sangue, a encheu. Ela amarrou as mãos nos cabelos e se amontoou em uma bola, apenas tentando continuar respirando e fazendo tudo o que podia para não gritar para Chapman vir e deixá-la sair novamente. Ela não podia fazer isso. Os ataques de pânico não parariam só porque ela estava livre. Ela teve muito do lado de fora, também, aqueles que se esgueiraram sobre ela quando ela estava fazendo as coisas mais inócuas, assistindo à televisão ou lavando a louça. Era assim que ela iria melhorar. Este era seu pior pesadelo. Se ela pudesse aprender a lidar com seus problemas

enquanto estivesse aqui, saberia que não tinha nada a temer no mundo real.

Uma hora ou mais passou, era difícil dizer a passagem do tempo sem luz. Assim que o ataque de pânico passou e ela sobreviveu, ela se sentou, sozinha com seus pensamentos no escuro. Ela tinha feito a coisa certa ao convencer Chapman a fazer isso? A dúvida percorreu seu corpo, mas ela não podia voltar atrás agora. Ela precisava se acostumar com isso, para abraçá-lo, então ela não temeria mais.

O barulho veio do topo da escada, e a porta do porão se abriu. A luz inundou e Jess apertou os olhos contra ela, levantando a mão para proteger os olhos. A silhueta de um homem preencheu o espaço e seu coração disparou.

—Jess? — Chapman a chamou. —Como você está aí?

Um flash de irritação queimou por ela. Ele não deveria ser legal com ela.

—Você não pode me perguntar isso, — ela gritou de volta, incapaz de esconder a fragilidade de seu tom. —Se você não fizer isso direito, não há sentido em fazer isso.

No topo da escada, ele permaneceu em silêncio.

Ela esperava que ele não pedisse desculpas. A palavra apenas alimentaria sua raiva.

Ele não fez isso. Um momento se passou, e então a forma na porta aberta desapareceu e a porta se fechou novamente, trancando-a na escuridão mais uma vez. Ela se acalmou. Ela o tinha chateado? Ela tinha sido muito brusca?

Não, ela decidiu. Não importava mesmo se ela tivesse. Ele mostrou sua bondade desde o momento em que se conheceram, e agora ela precisava de algo diferente dele. Eles não podiam continuar como estavam.

Seus pensamentos e memórias continuaram a se agitar em sua mente. Interiormente, ela se encolheu ao pensar em uma época em que estava curvada sobre uma mesa, seminua, na frente de uma sala cheia de homens e espancada até que seu traseiro ficou vermelho. Ela se lembrou de um homem sendo baleado na frente dela, como gotas de seu sangue respingaram em sua pele. Ela se lembra de estar tão apavorada com o que vai acontecer com ela que ela simplesmente queria que tudo acabasse.

Eventualmente, a porta se abriu novamente. Desta vez, Chapman acionou o interruptor da luz do porão e ela fechou os olhos com força contra o clarão repentino. Apenas abrindo-os, seus olhos lacrimejaram.

Jess enxugou as lágrimas e ergueu a cabeça para ver Chapman caminhando em sua direção segurando alguns itens, um balde, uma garrafa, uma tigela.

—Aqui. — Ele não fez contato visual com ela. —Você ainda precisa comer e beber.

Ela olhou para o balde. —É isso que eu acho que é?

—Sim. Não achei que o luxo do banheiro fosse adequado para a situação. — Seu tom era duro. Ela o aborreceu antes, quando disse a ele para não perguntar se ela estava bem. Ela tentou ignorar a pontada de remorso em seu estômago ao pensar que ele estava com raiva dela.

Ele digitou o código do cadeado e a fechadura se abriu. Ele abriu o portão da jaula com um estrondo, e de repente ela estava olhando para a liberdade. Ela não aceitou, porém, permanecendo sentada no meio da gaiola.

—Estes são para você. — Ele empurrou os itens de plástico em sua direção.

Ela estendeu a mão e agarrou a água primeiro, abrindo a tampa e engolindo tão rápido que derramou em ambos os lados de sua boca. A adrenalina do ataque de pânico a deixou seca. Com a sede saciada, ela verificou a tigela.

Um pedaço de pão, um pedaço de queijo duro, alguns tomates pequenos e algumas rodelas de pepino.

—Eu disse que não deixaria você morrer de fome, — disse ele, antes que ela tivesse a chance de reclamar que ele a estava tratando bem demais. —Você tem que comer. Fazia parte do acordo.

Jess acenou com a cabeça. Ele estava certo e, além disso, ela estava com fome.

—Obrigada.

Ele se afastou, fechou a porta da gaiola e trancou novamente. Então ele puxou uma velha cadeira de madeira que precisava ser reformada e sentou-se a vários metros de distância, apenas observando.

Jess sabia que ela não tinha o direito de dizer a ele para deixá-la comer em paz. Ela nem tinha certeza se era isso que ela queria. Era bom ter companhia, embora ela já tivesse sentido a mudança em seu relacionamento. Ele sempre tentou cuidar dela, tratando-a com tanta delicadeza, como se ele estivesse preocupado se ele soprasse nela com muita força, ela iria fugir com a brisa. Agora, eles tinham um desafio entre eles, ele esperando que ela fizesse algo para empurrá-lo, ela se perguntando o que ele faria a seguir.

Jess pegou um dos tomates e o mordeu, as sementes e o suco jorrando como um jato de sangue arterial.



Capítulo Seis



Chapman recostou na cadeira. Ela comeu a comida que ele forneceu, pedaço por pedaço, sem fazer nenhuma tentativa de combiná-lo em um sanduíche como ele teria feito. Primeiro os tomates, depois o queijo, depois o pepino e, por fim, o pão, comido como pequenos petiscos até que o último pedaço acabasse. Ela engoliu com outro gole de água. Havia algo estranhamente calmante em ver ela comer, sabendo que estava trancada lá dentro. Tudo o que ela tinha à sua disposição era o que ele havia fornecido.

Ela terminou sua comida e se levantou, pegando a tigela e se aproximando das barras. Ela o estendeu para ele, então ele se levantou e destrancou o portão. Ele pegou a tigela dela, as pontas dos dedos roçando por um segundo, enviando faíscas por seu corpo. Então ele deu um passo para trás, trancando a gaiola novamente.

Ela permaneceu nas barras, observando-o com olhos profundos e emocionantes. Ela parecia perfeita ali, emoldurada pelas barras de ouro rosa.

Incapaz de se conter, ele alcançou através das barras e tocou sua bochecha macia com os dedos. —Meu pequeno pássaro.

Ela apertou a bochecha em sua mão e sorriu.

Chapman queria ficar com ela, mas já estava aqui há algum tempo e sabia que ela não gostaria que ficasse. Ele não podia tratar isso como se ela estivesse apenas morando em sua casa. Ele precisava tentar vê-la como sua prisioneira. Era algo contra o que ele lutava, mas ela estava certa quando disse a ele para não perguntar se ela estava bem. A menos que eles fizessem isso corretamente, não havia sentido em fazer isso. O que ela estava fazendo era incrivelmente corajoso, e ele a admirava por isso. Ele devia a ela manter seu lado das coisas, e ficar à espreita ao seu redor como um pai super protetor não faria isso.

Doeu seu coração se afastar dela novamente, apertar o interruptor da luz e deixar ela na escuridão, mas foi o que ele fez. Nem meio dia havia se passado ainda. Por quanto tempo eles continuariam com essa configuração? Dias? Semanas? Será que isso a ajudaria a vencer seus medos, ou ela sairia mais danificada do que quando entrou?

Não, ele não poderia pensar assim. Se isso não funcionasse, ele não achava que ela sobreviveria.

Ele precisava fazer algo para se manter ocupado. Ficar sentado pela casa sozinho, pensando apenas em Jess e sabendo que ela também estava lá embaixo sozinha, iria deixá-lo louco.

Sem mais nada para fazer, ele subiu para o quarto e vestiu tênis, shorts e uma camiseta. Correr tiraria sua mente das coisas. Ele correria até ficar exausto e então seria capaz de desligar as vozes dentro dele que o importunavam que o que ele estava fazendo era errado. Havia algo mais nisso também. Desde que ele a viu trancada naquela jaula, usando apenas o vestido fino, sabendo que ela era agora sua prisioneira, um desejo baixo zumbia em seu núcleo. Ele sempre a quis, uma necessidade que ainda não tinha sido saciada, mas era pior agora. Ela era sua. Ele poderia descer ao porão e exigir dela tudo o que desejasse. Não era isso que ele estaria fazendo se tudo fosse real? Se ele a tivesse comprado para ser sua escrava, ele já a teria fodido. Ele possuiria cada centímetro dela e poderia tomá-la como quisesse. Qualquer buraco, com a força que quisesse, quantas vezes quisesse. Seria essa a fantasia mais profunda de todo homem, ter uma mulher que pudesse usar, fisicamente, como e quando quisesse?

Chapman afastou os pensamentos. Eles eram perigosos, e ele sabia disso.

Em vez disso, ele se concentrou em puxar bem os cadarços dos tênis e amarrar o relógio esportivo que usava para registrar suas corridas. Ele normalmente não corria com música, mas desta vez ele não queria ser deixado sozinho com seus pensamentos, então enfiou o iPod na alça do braço e colocou os fones nas orelhas.

Ele saiu de casa, descendo os degraus da rua da cidade. Estava ficando tarde, a última luz do dia desaparecendo no céu. Isso era

bom. Menos pessoas nesta hora do dia. Sem se preocupar com o aquecimento, ele começou a correr, com os pés batendo na calçada. Ele se esforçou mais do que o normal, então dentro de minutos, sua respiração estava pesada e o suor já havia surgido em sua testa. Ele planejou fazer uma volta, dando a volta no quarteirão para trazê-lo de volta para casa. Ele queria correr muito, mas também não queria deixar Jess sozinha por muito tempo.

Ele correu pela estrada.

O repentino toque de uma buzina chamou sua atenção e o atraiu. Um segundo depois, um carro desviou diretamente à sua frente, errando-o por milímetros. O vento causado pelo movimento soprou para trás sua camiseta, o material agarrado ao peito. Seu coração bateu forte e ele ficou parado, congelado na estrada, a respiração presa no peito. O motorista do carro acenou com o punho furioso para fora da janela, mas continuou a dirigir, sem se preocupar em verificar se ele estava bem.

Foi culpa dele. Ele não estava prestando atenção, a música alta demais para ouvir o veículo se aproximando.

Estúpido pra caralho.

Seus pensamentos de repente foram para Jess, e ele não estava mais preocupado com sua própria mortalidade. E se ele tivesse sido atropelado por aquele carro, se tivesse morrido ou acabado em coma, sem poder contar a ninguém que tinha uma jovem trancada em uma gaiola em seu porão? Jess nunca saberia o que havia

acontecido com ele. Ela ficaria presa lá de verdade, pedindo ajuda que não viria. Sem saída e sem acesso a recursos, ela acabaria morrendo de sede. Uma morte horrível e dolorosa.

Porra. Ele tinha sido tão estúpido.

Ele começou a correr novamente, mas este controlado e com ele prestando atenção ao seu redor. Ele desistiu da corrida real, ele só queria voltar para a casa, para chegar até Jess.

Ele irrompeu de volta no prédio e, sem parar por um segundo, desceu direto para o porão. Ele acendeu a luz. Jess se desenrolou do local onde ela estava deitada no fundo da gaiola, e ele fez uma nota mental para fazer ela pegar um cobertor. Ela merecia mais conforto do que isso.

—Jess, temos um problema.

Ela se sentou. —Nós temos?

Ele não queria assustar ela com o que quase aconteceu, então não deu os detalhes. —E se algo acontecer e você não conseguir obter ajuda?

—O que você quer dizer?

—E se eu tiver um acidente ou se a casa pegar fogo? Ninguém sabe que você está aqui para te ajudar e você não pode sair. Eu entendo por que você quer fazer isso, mas essa é uma questão que nem sequer consideramos quando fizemos nosso acordo.

Ela fixou os olhos nos dele. —Se você morrer, eu morro também.

—Não. Isso não é bom o suficiente. Se vamos continuar com isso, precisamos de uma maneira para que você consiga sair daqui se algo acontecer comigo.

—Nada vai acontecer com você, C.

—Você não sabe disso. Eu quase fui atropelado agora mesmo. — Ele não queria dizer a ela, mas as palavras saíram de seus lábios. Ela precisava saber o quão séria essa situação poderia ficar.

Jess olhou para baixo, os lábios apertados.

Ele se agachou na frente dela, falando com ela através das grades. —Eu sei que não é exatamente o que você queria, mas preciso lhe dar o código da fechadura.

—Eu não quero isso, — ela sussurrou.

—Eu não me importo com o que você quer no que diz respeito a isso. É sobre sua vida, Jess. Você vai ter o número da combinação do cadeado. Finja que não sabe, se é isso que você quer, mas, a menos que me deixe dar a você, estou cancelando tudo agora.

—Tudo bem, — ela concordou com relutância.

—É um, nove, nove, cinco. Você lembra disso. Um, nove, nove, cinco.

—O ano do meu nascimento.

Ele assentiu. —Isso mesmo.

Seus lábios se torceram. —Não vou esquecer isso.

—Bom.

Ele não queria destruir o resto do que eles haviam criado. Deslizando de volta para a persona que ela exigia dele, ele acrescentou. —Agora cale a boca e vá dormir. Volto para você pela manhã.

Ele se virou e a deixou, apagando a luz mais uma vez. Ele se lembrou de que havia prometido a si mesmo que traria um cobertor para ela, mas talvez pudesse usar o cobertor como pagamento por alguma coisa. Sua mente examinou as possibilidades. Um cobertor por um beijo. Ela aceitaria isso? Ou um cobertor por mais do que um beijo?

A possibilidade fez seu coração disparar.

Embora ainda fosse muito cedo, ele se deitou, tentando não pensar em Jess deitada, enrolada no fundo de uma gaiola de passarinho. Com frio e sozinha no escuro.



Capítulo Sete



Jess acordou na manhã seguinte com uma onda de pânico. Onde ela estava? O que estava acontecendo? Então suas memórias se recompuseram e ela deu um suspiro de alívio. Claro, ela estava na gaiola. Ela pediu a Chapman para manter ela aqui.

Seus músculos estavam rígidos por uma noite no chão duro, mas ela já tinha passado por coisas piores. Ela se sentou e girou o pescoço e, em seguida, esticou os braços e ombros. As articulações do quadril dela estalaram enquanto ela endireitava as pernas e lentamente se levantava. Havia uma dor familiar em sua bexiga e ela sabia que precisava se aliviar, como sempre fazia pela manhã. A mortificação chegou quando ela percebeu que não era apenas sua bexiga que ela precisava esvaziar. Deus, ela não tinha pensado tão longe. Ela não poderia deixar Chapman vir aqui para esvaziar um balde de merda. Ela morreria de vergonha. Não, ela iria segurar. Ela podia mijar, mas nada mais, a menos que ele a deixasse usar o banheiro.

No escuro, ela estendeu a mão e deu um tapinha em volta a procura do balde. Ela já precisou usar ontem à noite depois que ela bebeu a água que Chapman deu a ela. Seus dedos agarraram o

topo e ela puxou em sua direção, com cuidado para não inclinar ele. A última coisa que ela precisava era acabar nadando em sua própria urina.

Chapman traria roupas limpas para que ela pudesse trocar o vestido e a calcinha que estava usando nas últimas vinte e quatro horas? Ela não tinha pensado em pedir por elas. Dependia dele, ela adivinhou. Ele deveria tomar as decisões por ela agora, e ela achou algo estranhamente libertador nessa ideia. Ela não precisava mais pensar sobre o que estava em seu futuro, toda a expectativa que ela sentia que deveria ter sobre sua vida, parecer como as garotas das revistas, ter uma carreira de sucesso, ser uma sedutora e uma mulher capaz de alimentar uma família e filhos. Ela sempre sentiu que falhou em todos os aspectos, mas agora ela não precisava mais se preocupar com nenhuma dessas coisas. Ela nem precisava se preocupar com o que comeria no café da manhã. Chapman decidiria isso por ela.

Jess posicionou o balde embaixo dela e rapidamente puxou a calcinha pelas pernas, antes de se agachar sobre o balde. Ela soltou sua bexiga em uma corrida quente de mijo, o som oco no porão. O cheiro acre de urina subiu até ela, e ela virou o rosto para o lado, tentando evitar o cheiro. O fedor a lembrou de quando ela foi trancada dentro do contêiner de remessa. Ela estava genuinamente apavorada por sua vida naquela época, mas ela ainda sobreviveu. Então, por que ela lutou tanto desde que ficou livre?

Ela terminou o que estava fazendo, empurrou o balde para o lado e puxou a calcinha de volta no lugar. Ela se sentiu suja e desejou ter pensado em pedir papel higiênico. Eram todos os confortos que ela considerava garantidos. Ela não deveria estar pedindo por eles agora, não se tivesse dito a Chapman que queria que isso fosse o mais real possível.

Como se seus pensamentos o tivessem conjurado, um movimento soou do topo da escada e a porta se abriu. Seu coração se elevou na expectativa de ver ele. Ela amava aquele homem e queria ser tudo o que pudesse por ele. Se ao menos ela pudesse descobrir como deixar toda a sua merda para trás para que ela pudesse ser o tipo de mulher que ele merecia.

—Olá passarinho, — ele disse enquanto descia as escadas em direção a ela.

Seu coração disparou com o nome. Era exatamente assim que ela se sentia, um passarinho frágil, preso em uma gaiola, não de grades como as que a cercavam, mas presa em uma gaiola de seus próprios medos e emoções.

Sua expressão era diferente, menos preocupada e mais intensa. Ele carregava uma bandeja. Café da manhã. Seu estômago gorgolejou de ansiedade. A refeição da noite anterior tinha sido suficiente, mas ela não ficara satisfeita. Não que ela estivesse com muito apetite ultimamente, mas parecia que esta manhã ela estava ansiosa pelo que ele lhe trouxera.

Sem dizer mais nada, ele pousou a bandeja na escada e destrancou o portão da jaula. Ele apontou para o balde, e as bochechas dela coraram de vergonha.

—Eu... eu... preciso usar o banheiro. — Ela não queria soletrar para ele.

Seu olhar fixo no dela.

—Eu não posso simplesmente usar o balde, — ela sussurrou, seus olhos baixos, seu cabelo caindo sobre seu rosto. —Eu não posso.

—Se é o que você quer.

Ela acenou com a cabeça.

Ele recuou e permitiu que ela passasse pelo pequeno espaço do porão. Então, para sua surpresa, ele pegou seus dois pulsos e os puxou para trás de seu corpo. Ela prendeu a respiração com o movimento, seus ombros torceram.

Ele falou baixo e quente em seu ouvido. —Não gostaria que você tentasse fugir.

Ela teve que parar o sorriso que se espalhou por seu rosto. Ele finalmente estava entendendo. Fazendo o que ela queria. Dando a ela o que ela precisava.

Eles contornaram a bandeja na escada, os pés descalços nas ripas de madeira. O banheiro do térreo ficava logo depois da porta. Era apenas um banheiro e pia, nada mais.

Ele a empurrou à sua frente, para fora da porta do porão. Ela piscou na luz do dia da manhã. Luz natural. Ela já se sentia como se tivesse passado uma eternidade desde que ela esteve fora.

Ele permitiu que ela fosse ao banheiro sozinha, e ela fez seu negócio e lavou as mãos. Ela deslizou de volta para fora, ainda envergonhada.

Chapman pegou seus pulsos novamente e a levou de volta para baixo. Ele tirou o balde que ela estava usando pela bandeja de comida. Ela se acomodou com a bandeja, sentando de pernas cruzadas no chão. Ele fechou e trancou a porta novamente, então tirou o balde e a deixou em paz para comer, fechando a porta do porão atrás de si enquanto caminhava.

Uma caixa de suco, fatias de maçã, manteiga de amendoim e um muffin inglês.

Ela comeu a comida com gratidão e se perguntou se ele voltaria.

Poucos minutos depois que ela terminou de comer, ele voltou com um balde diferente e um pacote de material que parecia uma toalha e alguns outros itens.

Chapman destrancou o portão novamente e desta vez entrou no espaço com ela. Seu grande corpo preenchia a maior parte do espaço, e ela se sentiu diminuída por ele.

O balde estava cheio de água com sabão e um pano, e um vestido e uma calcinha novos estavam em cima da toalha embrulhada.

—Levante os braços, — ele disse a ela.

—C...— ela respirou.

—Faça.

Um tremor tomou conta de seu corpo, sua ansiedade retornando.

Ele disse a ela que não a machucaria, e ela acreditou nele, mas mesmo assim, sua frequência cardíaca subiu drasticamente.

Tremendo, ela ergueu os braços no ar, tanto quanto a gaiola permitia. Ele estendeu a mão para a parte inferior do vestido e levantou-o sobre a cabeça, e depois sobre os braços, de modo que ela ficou em sua roupa íntima. Ele não pediu permissão, estendendo a mão pelas costas para soltar o sutiã e largá-lo no chão ao lado do vestido sujo. Finalmente, ele puxou sua calcinha por suas coxas. Ela sentiu o cheiro de si mesma e suas bochechas queimaram com o calor. Ele achava que ela era nojenta?

De pé nua diante dele, ela estremeceu.

Ele a tinha visto nua antes, quando eles tentaram levar seu relacionamento físico mais longe, apenas para ela surtar e ter um ataque de pânico. Agora ela estava presa aqui, e sua ansiedade crescia dentro dela como um monstro que iria devorar ela.

Seu olhar percorreu seu corpo, seus seios pequenos, com mamilos rosados, sua barriga lisa, o pequeno arbusto de cachos na

junção de suas coxas. Seus olhos estavam escuros e ilegíveis. Ele estava excitado? Ele a queria? Ele a pegaria assim?

Mas ele permaneceu totalmente vestido e se ajoelhou, mergulhando a mão no balde. Ele puxou o pano e torceu. Então ele voltou a se levantar. Ele começou com o rosto dela, esfregando suavemente a testa, as bochechas, atrás das orelhas. Sua respiração travou em seu peito com a proximidade. Ela tinha que se lembrar de inalar.

Ele afastou o cabelo de sua nuca e a limpou antes de passar para seus ombros. O pano tinha começado a esfriar agora, deixando um rastro de arrepios em seu rastro, então ele se curvou e molhou o pano novamente, torcendo o material de volta. Ele ergueu cada um de seus braços, o pano úmido trabalhando em cada mergulho e cavidade de seu corpo. Ela congelou quando ele alcançou seus seios, massageando suavemente na parte superior e depois abaixo na dobra onde a parte inferior e seu seio encontrava suas costelas. Seus mamilos enrugaram em resposta ao toque dele, os músculos de seu estômago se contraíram.

Ele continuou a descer, e sua respiração ficou mais rápida, seus ombros e seios se ergueram. Ele esfregou o pano na barriga dela e depois o torceu de volta na água.

—Separe suas pernas, — ele comandou.

Ela engoliu em seco, mas fez o que ele disse. Suas pernas tremeram e ela olhou para o topo de sua cabeça. Ele iria tocar ela

ali, e ela tinha que se controlar. O material quente e úmido pressionado contra sua boceta, escorregando entre a parte interna das coxas.

A respiração de Chapman ficou mais irregular. Isso o estava afetando tanto quanto ela.

Sua boceta pulsou em resposta. Isso era desejo? Fazia tanto tempo que ela não tinha certeza se ainda o reconhecia.



Capítulo Oito



Ele empurrou a mão, coberta pela toalha, entre as coxas dela e tentou resistir de se inclinar e colocar a boca em todas as áreas que o pano havia tocado. Sua ereção pressionou desconfortavelmente contra o interior de sua calça, e ele mudou para o outro joelho para tentar criar algum espaço.

Deus, ela era tão bonita.

Ele olhou para o rosto dela, observando suas batalhas internas. Ele sabia que cada parte dela estava em guerra consigo mesma. Uma parte querendo afastá-lo, enquanto a outra parte queria se abrir para ele. Ele tinha que ficar se lembrando de que ela estava nesta posição porque ela queria estar, não porque ele a forçou aqui. Ela acreditava que essa era sua única chance de melhorar, rompendo as barreiras que havia erguido ao seu redor.

Ele permaneceu entre suas coxas, esfregando suavemente para frente e para trás, desejando que ele pudesse soltar o pano e usar seus dedos, para tocar sua umidade e suave calor e empurrar dentro dela. Ela enlouqueceria se ele tentasse, ou ela manteria a boca fechada e ficaria ali tremendo enquanto ele a tocava?

Seu pau ficou ainda mais duro com o pensamento.

Não, era muito cedo para pressionar ela tão longe. Ele tinha que parar agora, ou não seria capaz de se conter.

Ele removeu o pano de sua boceta e o mergulhou na água novamente, antes de limpar ambas as pernas e, finalmente, as curvas arredondadas de seu traseiro. Quando ela estava limpa, ele a envolveu na toalha, afastando as memórias de fazer exatamente isso quando a encontrou se cortando no banho.

Ele largou a toalha para puxar o vestido novo pela cabeça e, em seguida, estendeu a calcinha limpa para ela vestir.

Ele pegou o sutiã dela. —Isso vem comigo.

Jess assentiu e olhou para o chão, submissa.

Era errado para ele gostar dela ainda mais assim? Ele sempre foi louco por ela, mas ela estava mostrando a ele um lado diferente dela agora. Não, era assim que ela teria sido quando estava sendo mantida em cativeiro. Isso era realmente o que ele queria?

Ele a queria saudável, não importava o que custasse. Ele queria que ela não pensasse em se cortar na banheira, ou ser reduzida a um naufrágio temeroso pela ansiedade paralisante, incapaz de sequer sair de casa.

—Isso é tudo por agora, — ele disse a ela. —Você pode ficar com a toalha.

Ela acenou com a cabeça.

Chapman juntou todo o resto, deixando-a com um balde limpo, caso ela precisasse. Ela tinha comido toda a comida, o que era bom, e agora, vestida com roupa limpa, ela se acomodou em cima da toalha, de pernas cruzadas. Ela parecia pequena, mas também calma, uma serenidade nela que ele não via há algum tempo.

Talvez ela estivesse certa. Talvez fosse exatamente disso que ela precisava.

Sua ereção não diminuiu em nada. Ele precisava de alívio e não poderia fazer isso com ela. O que quer que ela achasse que precisava, ele não a pressionaria em nada. Passos de bebê.

Ele levou as coisas para cima, jogou tudo na cozinha e rapidamente foi para o computador. Talvez fosse a fantasia de um adolescente, não de um homem adulto, mas ele disparou e se conectou a um dos sites pornôns que usava. Ele libertou seu pau de suas calças, dando um suspiro de alívio quando o ar frio atingiu sua pele. Isso levaria apenas alguns minutos e então ele seria capaz de pensar com clareza novamente.

Na tela, ele viu uma jovem mulher nua abrir suas coxas para um homem, enquanto um segundo homem estava de lado, oferecendo seu pau em sua boca. Chapman desviou o olhar entre o pau entrando e saindo da boceta raspada da mulher e o segundo pau empurrando com força entre seus lábios. Ele segurou seu pau e se masturbou. Embora ele observasse as pessoas na tela, seus pensamentos voltaram a se ajoelhar na frente de Jess, empurrando a toalha entre suas coxas enquanto ela ficava nua na frente

dele. Em sua mente, ele largou o pano e enterrou o rosto entre as coxas dela, empurrando a língua dentro dela. Ele imaginou como os dedos dela se enroscariam em seu cabelo e como ele ouviria seus pequenos suspiros e gemidos enquanto a construía em direção ao orgasmo.

Ele trabalhou seu pau mais forte e mais rápido, deslizando direto da cabeça abobadada até sua base. Embora a pornografia continuasse na tela do computador, os sons dos homens e mulher enchendo o ar, ele fechou os olhos para poder imaginar Jess melhor. Ele a viu ali parada, nua e vulnerável, disponível para ele fazer o que quisesse, e suas bolas se apertaram em seu corpo. Ele trabalhou sua mão mais rápido em sua ereção, o movimento fazendo pequenos ruídos de pancada. Suas coxas e abdominais estavam tensos com a tensão, e ele sabia que estava perto. Ele se imaginou empurrando Jess contra as barras de metal da gaiola, para que seus seios saíssem por entre as barras, e então ele enfiou seu pau profundamente dentro de sua boceta, ouvindo ela gritar enquanto ele a fodia com força.

—Ah porra, — ele gemeu, se movendo rapidamente para usar sua camisa para pegar o fluxo de sêmen que jorrava da fenda de seu pau. Suas bolas apertaram e contraíram, liberando um segundo orgasmo, e ele se dobrou, segurando seu pau.

Merda, ele queria Jess tanto.

Quando ela estaria pronta para ele?



Capítulo Nove



Os períodos entre as visitas de Chapman se tornaram momentos de meditação silenciosa para Jess e momentos de pânico absoluto. Durante seus ataques, ela ficou sentada em sua gaiola, ofegando como se tivesse acabado de correr cinco quilômetros, a cabeça entre as mãos, pensando que ou sua cabeça iria explodir com a pressão, ou então seu coração certamente iria falhar. Ela sabia que não iria melhorar imediatamente. Embora os ataques de pânico fossem aterrorizantes, eram melhores do que a dormência que prevalecia quando ela ainda estava livre.

Pelo menos agora ela sentia algo.

Quando ela não estava lutando contra um ataque de pânico, ela passou o resto do tempo contemplando sua vida. Ela não tinha sobrevivido tanto apenas para falhar agora. Ela tinha sua determinação, ou era teimosia, do seu lado.

As horas passaram e Chapman quebrou o tempo trazendo as refeições dela. Elas sempre foram simples, um sanduíche de pastrami para o almoço e macarrão com molho pesto verde para o jantar. Ele não tentou tocar ela novamente, embora ela não

conseguisse tirar de sua cabeça o pensamento de suas mãos sobre ela.

Ela havia sentido algo diferente de estar absolutamente apavorada. Ela sentiu a necessidade de agradar ele e queria fazer mais do que apenas ficar ali como uma boneca humana. Será que aquele desejo de agradar ele e fazê-lo feliz, um dia, poderia se tornar um desejo real dela? Jess precisava mais dele, e embora ela odiasse pedir mais quando ele já tinha feito tanto, ela não iria melhorar a menos que ele a pressionasse.

Ela pensou que ficaria entediada, passando tanto tempo sozinha, longe de seus livros, da televisão, da música e da internet, mas o silêncio trouxe a ela um tipo de paz interna também. Para ser justa, todas as vezes que ela tinha estado 'lendo' recentemente, tinha sido apenas ela olhando para as páginas enquanto estava perdida em pensamentos. Agora ela podia pensar o quanto quisesse, sem ter que fingir ou sentir que Chapman iria perguntar a ela vinte vezes por dia se ela estava bem. Ela poderia ser quem ela realmente era aqui embaixo, uma mulher que tinha sofrido e ainda estava sofrendo agora.

Ela não precisava fingir estar bem.

A segunda noite passou intermitentemente. Seus sonhos foram cheios de violência, onde ela foi transportada de volta para o contêiner, só que desta vez, ao invés de ter as outras meninas ao seu redor, ela estava sozinha. Exceto que ela não estava. Alguém estava do lado de fora, e ele se moveu ao longo do comprimento do

contêiner, batendo em algo duro contra o lado de fora de forma que soasse, lento e repetitivo, fazendo ela pular sempre. Ela queria gritar por alguém para ajudar, mas ela sabia que ninguém estava vindo. A única pessoa que poderia ajudar era ela mesma.

Jess acordou tremendo e coberta de suor. Seu pesadelo parecia tão real, e ela percebeu o que estava errado com sua situação atual. Sim, estava ajudando ela a se acostumar com o medo de ficar trancada e no escuro. Mas a verdadeira diferença era que Chapman não a assustava. Esta terapia de imersão não funcionaria porque ela não podia ter medo dele. Ele era muito atencioso com ela.

Isso precisava mudar. Quando a porta se abriu para ele trazer o café da manhã, ela se preparou.

—Como está meu passarinho esta manhã? — Ele a olhou com curiosidade, como se já antecipasse seu humor.

Jess abaixou a cabeça, permanecendo curvada no chão da gaiola, a toalha embaixo dela.

—Jess? — Ele disse, e ela podia ouvir a carranca em sua voz. — Está tudo bem? Eu trouxe o café da manhã.

O som áspero da combinação do cadeado e o clique quando ele se abriu, o barulho do metal quando o portão se abriu, a levaram de volta ao sonho. Uma bandeja deslizou em sua direção, suco, cereal, torrada, fruta. Tão fresco, perfeitamente preparado.

Em uma explosão repentina de raiva, ela atacou. Seus dedos ficaram presos embaixo do fundo da bandeja, virando tudo. —Não é para ser a porra do serviço de quarto, — ela rosnou, levantando a cabeça para olhar para ele.

Uma nuvem negra de raiva desceu sobre suas feições. —Você tem que comer, Jess. Fazia parte do acordo.

Ela se levantou. —E se eu não fizer? O que você vai fazer, me forçar? Talvez fosse melhor.

Ela agarrou a caixa individual de cereal do chão, rasgou a tampa e esvaziou o conteúdo no balde de urina que coletou durante a noite. Flocos de cereal flutuavam no topo da água amarela como barqueiros em miniatura.

—Que porra é essa, Jess? — Ele olhou para ela. —Você está louca?

Ela girou de volta e se lançou sobre ele, as palmas das mãos batendo em seu peito. —Sim, estou louca pra caralho. — Ela riu. — Claro que estou. Que mulher são pede a um homem para fazer isso com ela?

Seus dedos envolveram seus pulsos, e ele a segurou firme, mantendo seus punhos cerrados pressionados contra seu peito duro. Ele tinha quase o dobro do peso de seu corpo e era muito mais forte. Ela estava totalmente indefesa em seu domínio, e uma emoção a percorreu. Sim, era disso que ela precisava. Mais

disso. Ele olhou para o rosto dela, seus olhos castanhos tempestuosos, sua mandíbula travada com raiva.

—Então vamos parar isso. Agora mesmo.

—Não. Me faça sentir. Essa raiva é melhor do que o nada lá fora. Faça isso, C. Me faça sentir algo, qualquer coisa!

Seus rostos estavam a centímetros de distância, ela com o queixo erguido em desafio, ele olhando para ela. Com uma onda de abandono, ela se ergueu nas pontas dos pés e esmagou sua boca na dele.

Beijar era algo que a levou de volta àqueles tempos, quando homens estranhos forçavam suas línguas dentro de sua boca e mordiam seus lábios, mas ela afastou as memórias e fez o possível para permanecer no momento.

Ela o sentiu hesitar por um breve momento, mas então ele a beijou de volta, forte e pesado. Ela abriu a boca para ele, e suas línguas se encontraram, cada uma empurrando como se estivessem conduzindo uma dupla ao invés de um beijo. Chapman ainda segurava seus pulsos e a empurrou contra as barras de metal da gaiola. Suas costas colidiram com o metal e ele segurou seus pulsos acima de sua cabeça, prendendo-os nas barras atrás. Era duro o suficiente para doer, e ela prendeu a respiração.

Por sua linguagem corporal, a maneira como ele ficou tenso, sua boca ainda caindo sobre a dela, a fez perceber que ele notou sua dor.

Caramba. Ela quebrou o momento. Chapman se afastou, baixando os braços, mas segurando os pulsos.

—Estou bem, — disse ela. —É isso que eu quero.

—Eu te machuquei.

—E eu gostei.

Seu olhar escureceu. —Você gostou de eu te machucar? Por que, passarinho, quando você não gosta quando eu sou gentil com você.

Ela lutou contra as lágrimas que ameaçavam encher seus olhos. Ela sabia que se chorasse, ele não faria isso de novo. Mas ela não entendia por que isso o impedia. Era catártico para ela chorar. Se ele a curvasse e a espancasse enquanto as lágrimas corriam por seu rosto, ela tinha certeza que no final se sentiria vazia, mas limpa.

—Não consigo explicar. — Sua voz era apenas um sussurro. —A dor afasta minha mente de si mesma, do tormento das lembranças e da ansiedade que se recusa a me deixar em paz.

Ele franziu a testa para ela. —Então, por que o prazer não faz a mesma coisa?

—Não sei. — Ela balançou a cabeça. —Acho que talvez... estou com medo.

—Com medo de quê?

Mas ela não conseguiu. Ela não conseguia nem reunir o fluxo de pensamentos para explicar o que ela mais temia em voz alta. Cada

vez que ela tentava, sua mente consciente se afastava, cheia de repulsa por si mesma.

Ela balançou a cabeça. —Eu não posso. Sinto muito, C. — Ela deu um passo à frente, querendo continuar de onde haviam parado, mas Chapman soltou seus pulsos e se moveu para trás novamente, aumentando o espaço entre eles.

—Se você não pode fazer isso, — disse ela, se odiando pelas palavras antes mesmo de serem pronunciadas, mas incapaz de mantê-las, —talvez precisemos encontrar outra coisa.

Sua cabeça girou em direção a ela, seus olhos brilhando de raiva. —O que você está dizendo?

—Talvez você precise trazer outro homem aqui. Aquele que é capaz de me dar o que eu preciso.

Pela dor em seus olhos, ela percebeu que ela poderia muito bem ter enfiado uma faca em seu coração. Não era dor que ela queria que ele sentisse, era raiva.

Ele olhou para ela. —O que você acabou de dizer?

—Eu mereço isso. Você não pode ver isso? Você acha que sou uma boa pessoa, mas não sou. Me puna pelo que acabei de dizer, C. Me puna por isso. Eu sei que você quer. Eu posso ver em seus olhos.

Seu olhar se afastou do dela. —Não, você não pode. Você não sabe do que está falando.

E ele se virou e saiu furioso da gaiola, chutando a bandeja derramada enquanto avançava. Ele bateu a porta da gaiola e trancou a fechadura e, sem nem olhar para ela, subiu correndo as escadas e fechou a porta do porão atrás de si.



Capítulo Dez



Chapman caminhava pelo chão de sua casa, com a mão presa no cabelo e os dentes cerrados de raiva.

Isso era uma loucura. Ele tinha uma mulher trancada em uma gaiola gigante em seu porão. Como isso pareceria para alguém de fora? E se algo acontecesse com ela, um acidente? Ninguém jamais acreditaria que ela pediu a ele, implorou até mesmo, para ser colocada dentro e trancada. Ele provavelmente seria preso por sequestro e cárcere privado. Não que ele permitiria que algo acontecesse com ela, é claro. Ele a protegeria com sua vida.

Mas, apesar de todas as suas preocupações, ele não conseguia tirar da cabeça o pensamento de como ela se sentiu quando ele a empurrou contra as barras e a beijou. Sua boca era como o céu, seu corpo esguio uma tentação perversa. Mesmo agora, seu pau formigava com o pensamento, instantaneamente voltando à atenção. Ele queria mais disso, e ela também queria, apenas de uma maneira diferente. Ele teria ficado muito feliz em deixar ela sair da gaiola e carregar ela para a cama, e adorar cada centímetro dela, mas isso não era Jess.

Por que ela o estava atormentando assim? Ela estava na gaiola, mas ele era o único que se sentia preso. Ele deveria dar a ela o que ela queria? Ele não tinha certeza se sabia como. A maneira como seu pau se esticava contra o interior de suas calças dizia o contrário.

Mas ela sugeriu que outro homem a tocasse daquela maneira. Espancando, sufocando, fodendo ela com força.

Ele rugiu de raiva, chutando a parede mais próxima e deixando uma marca na placa de gesso.

Ela estava certa? Ele precisava chamar outra pessoa? O pensamento das mãos de outro homem sobre ela o feriu por dentro, mas ele estava sendo egoísta? Se isso iria ajudar ela, quem era ele para dizer não? Ele era seu amigo, antes de tudo. Sim, ele queria aquela coisa física entre eles, mas também se importava com ela.

Seu sacrifício por ela iria tão longe a ponto de permitir que outro homem fizesse o que ele não podia?

Não.

Ele afastou o pensamento de sua cabeça. Era seu limite rígido. Ele não seria capaz de olhar para ela da mesma maneira se soubesse que ela fez coisas com outro homem, coisas que ela não foi forçada a fazer porque estava livre agora, mas coisas que ela queria fazer, todas o mesmo.

Talvez ele pudesse aprender como fazer sozinho. Ele sabia um pouco do que ela estava pedindo, a surra, o domínio, as palavras de

segurança. Mas não mais que isso. Ele não entendia o lado emocional disso, o jogo de poder, e até mesmo sua mente destreinada sabia que essa era a parte importante. Ela precisava se sentir impotente com ele, embora a ironia fosse que ela era a única no controle de tudo isso. Ela era a diretora de sua própria peça, e ele precisava ser o ator que ela merecia.

Ele emaranhou a mão no cabelo, respirando com dificuldade. Ele não tinha ninguém com quem conversar sobre isso, então fez a única coisa que pôde: recorreu à internet para obter ajuda. Ele se sentia como um clichê ambulante por ter que fazer isso, mas ele não sabia o que mais ele poderia fazer.

Primeiro, ele digitou 'dominando no quarto' no mecanismo de busca, mas tudo o que apareceu foi o estilo de artigos que você pode encontrar em uma revista. Eles estavam sugerindo coisas macias, puxar o cabelo um pouco, segurar alguém pelos ombros, amarrar as mãos de uma mulher com uma corda. Isso pode ser parte do que Jess estava pedindo, mas era apenas a superfície. O que Jess estava pedindo era um estilo de vida, não um pouco de brincadeira no quarto, então ele apagou o que havia escrito da caixa de pesquisa e digitou 'estilos de vida dominantes e submissos.'

Seu pau ficou duro quando ele começou a ler. Isso não era apenas algo que aconteceu no quarto. Os casais que viviam esse estilo de vida eram dominantes e submissos em todas as partes da vida. Quando ele deixasse Jess sair da jaula, se ela quisesse continuar, ela precisaria seguir suas regras. Se ela fizesse algo para

desagradá-lo, ele a puniria por isso. Parecia cruel, mas era a última coisa que ele era. Ele se importava profundamente com Jess e faria tudo o que a deixasse feliz, mesmo que isso significasse desenvolver um lado de si mesmo que nunca havia considerado antes.

Esses artigos tornavam a leitura mais interessante e, à medida que ele lia, uma espécie de excitação nervosa crescia dentro dele. Não era como se ele fosse um homem fraco, longe disso. Ele passou a maior parte de sua vida trabalhando em segurança privada, afinal. O ferimento à bala o havia exaurido muito, mas ele vinha trabalhando em sua força física desde que saiu do hospital e estava quase como novo.

Jess, uma submissa.

Ele poderia ser seu dominante?

Ele sabia que o que estava acontecendo com Jess era mais profundo do que obter prazer no quarto. Ela estava emocionalmente marcada por tudo que ela havia passado e ela queria curar. O sexo desempenhou um papel importante em quebrar ela, então não fazia sentido que também pudesse ser usado para fazer ela ficar boa novamente.

Ele não tinha certeza se estava pronto para o trabalho, mas essa não era a maneira de pensar de um Dominador. Ele precisava ser forte, poderoso, agressivo e saber exatamente o que ele e sua submissa queriam no quarto. Mas ser todas essas coisas também significava confiar que Jess sabia o que *ela* queria e o que era

melhor para ela. Ele não queria prejudicá-la mais do que ela já estava.

No momento, ele ainda estava zangado com ela por sugerir trazer outro homem, no entanto. Ele não confiava que ela não continuaria pressionando ele e pensou que os dois poderiam usar o espaço para se refrescar. Ele precisaria levar suas refeições para baixo, mas o faria em silêncio e sem fazer qualquer tipo de contato com ela. Ele estava tentando punir ela pelo que ela disse ao negar sua interação humana? Ele estava fazendo isso como o início de sua nova dinâmica de relacionamento, ou ele estava apenas sendo um idiota?

Ele nunca havia analisado suas reações em relação às coisas antes. Jess estava mudando sua maneira de pensar e ela provavelmente nem percebeu.



Capítulo Onze



Outra noite se passou e, a não ser para trazer suas refeições, Chapman a deixou sozinha. Ele pegou a comida sem fazer contato visual ou falar com ela, e ela não ousou falar com ele.

Ela o aborreceu, sugerindo que ele trouxesse outro homem para isso, mas essa era sua intenção. Ela podia ver que ele realmente não tinha ouvido o que ela estava tentando dizer a ele sobre como ela precisava que ele agisse e queria chocá-lo. Ela não queria que outro homem se envolvesse no que já era um relacionamento frágil, mas queria que ele entendesse até que ponto ela iria para chegar a um ponto em que fosse capaz de ser ela mesma novamente.

Talvez este tenha sido o problema. Ela passou tanto tempo como propriedade de outra pessoa, alguém que dominou tudo o que ela fez, desde o que ela tinha comido, até onde ela dormiu, até que roupas ela vestiu, que ela não sabia como ser ela mesma. Ela nem mesmo teve a escolha de com quem ela fez sexo. Se seu dono tivesse dito a ela para foder um de seus convidados, então ela teria tirado a calcinha e escalado em seu pau. Quando ela teve algum homem estranho apalpando seus seios, babando sobre ela, enfiando o pau em sua boceta e muitas vezes em sua bunda, ela se

afastou mentalmente e emocionalmente, e fez o seu melhor para não sentir absolutamente nada. Ela foi complacente porque não tinha escolha. Se ela não deixasse os homens fazerem o que queriam com ela, ela acabou tão espancada que mijou sangue por uma semana. Houve muitas vezes em que ela pensou que seria melhor se ela apenas os deixasse matá-la, mas seu desejo de viver a manteve em movimento.

Sim, ela estava fodida por querer que Chapman a tratasse da mesma maneira, mas ela não podia evitar. A diferença era que ela *queria* sentir algo com ele. Mais do que tudo, ela queria responder ao toque dele e não sentir nojo de si mesma por fazer isso. Sim, ela estava presa, mas esta era *sua* escolha, e essa era a diferença.

Ela já estava perdendo a noção do tempo. Havia uma espécie de paz nisso, não ter que se preocupar com as horas passando, como, com o passar do tempo, ela não estava conseguindo nada. Não importava agora. Tudo havia sido tirado de suas mãos. Tudo que ela precisava fazer era existir. Sem pressão.

Ela se sentiu como um fracasso antes. A maioria das jovens de sua idade tinha carreira, amigos e namorados. Alguns até tinham maridos e filhos agora. Mesmo antes de ser levada, ela sempre se sentiu como se nunca tivesse se encaixado. Ela sempre se sentiu como se estivesse do lado de fora da vida, olhando para dentro, tentando descobrir como todos pareciam achar que viver assim muito fácil.

Quando foi levada pela máfia, uma parte dela se sentiu como se tivesse passado a vida inteira esperando que isso acontecesse, como se de alguma forma ela já soubesse que esse seria seu destino. Não era como se ela tivesse aceitado, ela ainda lutou, chorou e gritou, mas uma parte de sua alma falou com ela, dizendo que esta era a razão que ela sempre se sentiu fora de tudo o mais. Era porque ela nunca foi feita para fazer parte da sociedade normal. Ela deveria ser possuída e usada. De qualquer forma, nenhuma das conformidades sociais usuais faria parte de sua vida. Foi só quando conheceu Lily, a mulher que a salvou, que ela sentiu uma conexão, uma centelha de esperança de que talvez houvesse algo mais para ela. Ela manteve a crença até Chapman sair do hospital, mas quando ele voltou para casa, todos os mesmos sentimentos voltaram, e quando ela percebeu que não seria capaz de estar lá para ele fisicamente e dar-lhe o que ele queria e precisava como uma mulher normal, aquele mesmo sentimento de fracasso voltou.

Ela não conseguia se lembrar se tinha comido o jantar ou café da manhã pela última vez, mas eventualmente a porta se abriu e a luz acendeu. Chapman desceu as escadas carregando uma bandeja. O estômago de Jess embrulhou de nervosismo. Ele ainda estaria com raiva dela? Ela ficaria satisfeita se ele estivesse? O que mais a assustou foi ele cancelar tudo isso, e então ela seria deixada no limbo.

—Eu tenho lido, — ele anunciou a ela do nada.

Ela ergueu a cabeça. —Você tem? — Chapman não era um grande leitor. Ela era a única que passava a maior parte das noites enrolada no sofá com um livro no colo.

Ele assentiu. —Sim. Fiquei acordado a maior parte da noite pesquisando o que é isso.

Ela ainda não entendia o que ele estava dizendo. —O que é isso?

Ele acenou com a mão entre eles. —Sim, essa dinâmica que temos. Você é uma submissa, Jess. Você sabe o que isso significa?

Ela acenou com a cabeça. —Eu penso que sim.

Ele continuou. —E o que você precisa de mim é que eu seja seu Dominador. A princípio pensei que isso significava que você queria que eu fosse cruel com você para fazer você se sentir mal, mas agora acho que o que você realmente precisa é se sentir protegida.

Seu coração se elevou com suas palavras, e ela se levantou para ficar ao lado da gaiola mais próxima a ele, seus dedos envolvendo as barras. —Sim está certo. Tudo que eu sempre quis é me sentir segura.

—E de alguma forma isso ajuda você. — Ele gesticulou para a gaiola.

—A gaiola é apenas um símbolo.

Ele assentiu. —Acho que estou começando a entender. Também li que o que você precisa é mais importante do que o que eu quero e posso ver que você precisa disso. Não é algo que eu teria escolhido

para você, mas como eu disse, sua necessidade vem antes do que eu quero.

Os cantos de seus lábios se curvaram em um sorriso. — Obrigada, C. Obrigada por tentar entender.

Ele se aproximou. —Tem mais uma coisa, Jess, algo que eu quero que você me prometa.

—Certo. — Provisório agora.

—Você deve prometer ser completamente honesta comigo em todos os momentos, e eu serei honesto com você também. Se você acha que está sendo tratada injustamente, deve dizer isso. Se você cometer um erro porque não entende algo, ou porque eu não expliquei algo direito, você não será punida por isso.

Uma emoção estremeceu por ela. —Por que você vai me punir? — Automaticamente, seu olhar desceu, em direção ao chão.

—Comportamento como o de ontem será punido, — disse ele, e sua respiração engatou. —Se você não comer as refeições que eu forneço, você será punida. Se parecer que você está tentando se prejudicar de alguma forma, será punida.

Ainda assim, ela não ergueu o olhar para ele. Sua voz era severa e poderosa, e seu coração disparou de uma maneira que pela primeira vez não tinha nada a ver com um ataque de pânico. —Sim senhor. Posso fazer uma pergunta?

—Claro.

Sua voz era apenas um sussurro. —E quanto ao sexo?

Mas ele balançou a cabeça. —Sem sexo. Ainda não, de qualquer maneira.

Ela arregalou os olhos, esquecendo-se de si mesma e olhando para ele. —Por que não?

—Porque eu quero que façamos isso devagar.

—Estamos indo devagar, C. Estamos morando juntos há meses. Não entendo por que você não quer que tenhamos esse tipo de relacionamento.

Ele passou a mão pela boca. —Jesus, Jess. Eu quero. Claro que eu quero. Mal consigo tirar da cabeça o pensamento de ter sua boca em mim, mas isso é algo novo, e você sabe disso. Sexo torna as coisas complicadas, e acho que devemos descobrir como o resto funciona primeiro.

—O sexo é importante para mim, C. — Ela admitiu, baixando o olhar novamente. Suas bochechas queimaram com calor ao admitir isso. —Eu sinto que não sou uma mulher real porque me assusta.

—Jess, — ele disse suavemente, aproximando-se para destravar a gaiola. —Depois do que você passou, isso não é surpreendente.

Ela se sentiu mal só de dizer as palavras. Ela estava preocupada que ele pensasse diferente dela, mas ela se lembrou de como ele disse que deveria haver completa honestidade entre eles. —Como me sinto me assusta. Sinto que não deveria querer que fosse difícil,

que, ao querer, estou de alguma forma dizendo que gostei do que aqueles homens fizeram comigo, quando eu odiei.

—O que temos juntos não é nada disso. Você sabe que eu a deixaria ir livre em um segundo, se isso fosse o que você quisesse, e eu não me forçaria a isso.

—Mas eu quero que você faça. Talvez seja isso que está tão fodido. Não tenho certeza se posso fazer isso, a menos que sinta que estou lutando. — Ela balançou a cabeça. —Eu disse que estou confusa.

—Estamos todos um pouco confusos, Jess. Às vezes, isso é uma coisa boa. É o que nos torna interessantes. É o que nos conecta. Agora, tome seu café da manhã e não lute comigo por isso. Vou trazer uma muda de roupa para você.

Ela acenou com a cabeça e sentou de pernas cruzadas no chão, puxando a bandeja para comer.



Capítulo Doze



Desta vez, ele não fechou a porta do porão ao sair.

Ele estava respirando com dificuldade, seu coração batendo forte. Ele conseguiu manter a calma perto dela, mas não era assim que se sentia internamente. Embora ele tivesse dito coisas complicadas de sexo, e fez, ele não podia fingir que não a queria. Suas bolas formigaram com o pensamento de tomá-la do jeito que ela queria, e seu pau endureceu.

Era sobre o que ela precisava, não o que ele queria.

Ele desceu as escadas para o quarto dela e foi até o armário para encontrar um vestido e uma calcinha limpos. No banheiro, ele encheu o balde com água quente fresca e sabonete, e colocou uma toalha limpa e uma toalhinha debaixo do braço. Ele os carregou de volta para o porão.

Jess ainda estava sentada no chão da gaiola, a bandeja na frente dela. Ela tinha comido a fruta e bebido o suco, mas metade do croissant ainda estava no prato.

—Jess, você não terminou o seu café da manhã.

Ela lançou a ele o mais breve dos olhares antes de baixar o olhar. —Eu sei.

—Passarinho. — Ele deliberadamente usou um tom de advertência.

—Você tem que me punir agora, certo?

—Que tipo de punição seria adequada? Eu poderia tirar suas roupas limpas.

O olhar dela pousou nos dele, olhos azuis arregalados. —Não, não isso.

Ele estava ciente de que estava prestes a voltar em algo que havia dito minutos antes, mas não conseguiu se conter. Seu autocontrole era tão forte, e ele estava se contendo quando se tratava de Jess por um longo tempo.

—Não se trata de sexo, passarinho, — disse ele. —Será um castigo. Uma surra.

Seu peito apertou e ela assentiu. —Já fui punida dessa forma antes.

Ele tentou não permitir que as palavras dela o apunhalassem no peito, seu intestino se retorcendo de ciúme. Ele odiava pensar em outro homem tocando ela assim, mas ao mesmo tempo ele sabia que ela precisava dele para substituir aquelas memórias por ela.

—A palavra de segurança, Jess, — ele disse suavemente. —Qual será a palavra de segurança?

—Lily, — ela respondeu sem hesitação. —A palavra segura é Lily.

—Lily, — ele repetiu, certificando de ter ouvido direito. —Como a Lily do Monster?

Jess olhou para ele e acenou com a cabeça. —Ela sempre me manteve segura.

—E agora é a minha vez. Última chance. Você vai terminar sua comida?

Ela balançou a cabeça.

—Então você sabe o que está por vir. Dez golpes como punição. Acene se isso soar justo.

Ela já estava de joelhos. Seu cabelo loiro caiu sobre seu rosto quando ela assentiu.

Ele ficou de joelhos atrás dela. Com a boca seca, os lábios formigando de antecipação, seu pau duro e pesado, ele alcançou a parte inferior do vestido e puxou para cima para descansar na parte inferior das costas, expondo seu traseiro coberto de calcinha. Suas palmas coçaram de antecipação e sua respiração ficou presa no peito. Ele realmente conseguiria fazer isso com ela?

Deixando a calcinha dela no lugar, ele balançou o braço. Sua palma atingiu o lado de seu traseiro com um tapa satisfatório, o estalo alto nos confins do porão. Jess respirou fundo, o peito apertando, mas ela não gritou.

Ele olhou para onde sua mão havia batido, já uma impressão de palma vermelha aparecendo contra sua pele pálida. Instintivamente, ele alisou a mão em seu traseiro onde ele a atingiu, querendo tirar a dor. Jess gemeu em resposta, e seu pau latejou. Ele queria se libertar, e pensou que se continuassem assim, ele poderia acabar gozando, mas isso era sobre ela e não ele. Ele precisava se lembrar disso.

—Um, — ele contou.

Seu corpo havia relaxado sob sua mão acariciando, mas agora ela ficou tensa novamente, preparando-se para ele.

Ele puxou a mão e a espancou novamente. —Dois.

Como antes, ele alisou a palma da mão sobre o local onde havia atingido, o calor de sua pele queimando em sua palma. Quando ela relaxou sob seu toque, ele tirou a mão.

Desta vez, ele usou a mão esquerda, espancando ela com um golpe curto e afiado. Ele não tinha tanta força na mão esquerda, mas ainda assim a pele dela ficou vermelha. Havia algo mais bonito do que a impressão vermelha de sua palma contra sua pele pálida? —Três. — Ele bateu nela novamente. —Quatro.

Jess gemeu mais uma vez, e suas coxas se apertaram, como se ela estivesse tentando prender a dor ou o prazer, ou o que quer que ela estivesse sentindo lá. Ele queria ver ela melhor, entender mais como isso a estava afetando, e sem perguntar, ele agarrou o cós de sua calcinha e puxou para baixo em suas coxas.

Sua respiração se acelerou e ele conteve um gemido. Ele podia ver ela agora, a fenda de sua boceta por trás, a entrada de sua bunda. Tudo o que ele pôde fazer foi parar de mergulhar para frente e afundar a língua dentro dela.

Ele já tinha feito algo tão erótico? Ele não se considerava um homem protegido, e ele teve muitas mulheres que pensava ter feito a maioria dos atos sexuais, oral, anal, brincando com brinquedos sexuais, mas nada chegava perto disso. Isso não parecia um jogo ou uma atuação. Parecia a vida real.

Ele trocou de volta para sua mão direita. Com o olhar focado em sua fenda, ele se certificou de que esse tapa caísse em sua boceta. Jess deu um grito e saltou para frente em resposta.

—Cinco.

Ela queria isso. Ela praticamente implorou para ele dar a ela. Enquanto uma pequena parte dele ainda sentia que bater nela era ruim, quando seus dedos deixaram sua boceta, sua pele brilhando com sua excitação, ele se lembrou do que se tratava. Ela queria sentir novamente. Ela queria ser excitada. Ela queria ser informada de que não havia problema em sentir desejo e prazer de qualquer maneira que sua mente e corpo dissessem.

Resistindo ao desejo de mergulhar os dedos em sua boceta encharcada, ele puxou a mão e deu um tapa ali novamente.

Desta vez, ela gritou. —Ah.

—Seis.

Ele queria esfregar ela ali, para fazer ela se sentir melhor, mas sabia que não seria capaz de parar.

O sétimo golpe pousou onde ele colocou o primeiro, atingindo a pele já rosada e tornando-a mais escura. A oitava palmada atingiu o mesmo lugar, e desta vez ele se permitiu esfregar a dor, a palma da mão massageando a pele lisa e macia de sua bunda.

Ele voltou para a mão esquerda. —Nove.

Jess estava ofegante agora, sua cabeça pendurada, seu corpo uma bola tensa de dor e desejo. Um brilho de suor cobriu sua pele, e seu vestido fino agarrou-se às partes de seu corpo que não estavam expostas.

Chapman lambeu os lábios, olhando para ela. Este era o último e ele queria que fosse perfeito. Ele se posicionou e balançou o braço novamente. Sua palma bateu em sua boceta, seus dedos em seu traseiro.

—Dez.

Desta vez, ele deixou sua mão lá, julgando sua reação. Ela se afastaria ou se empurraria contra ele?



Capítulo Treze



A mão de Chapman pressionou contra sua boceta por trás, e Jess tremeu. Sua cabeça girou quando as endorfinas causadas pela surra inundaram seu sistema. Ela queria gritar e chorar, rir e jogar os braços em volta do pescoço dele, mas em vez disso permaneceu de quatro, a cabeça baixa, respirando com dificuldade. Ela poderia dar o próximo passo agora, se quisesse. Bastaria ela empurrar os quadris para trás contra a mão dele, mostrando que estava tudo bem para ele deslizar os dedos dentro dela.

Mas ela estava assustada. A última vez que ela foi penetrada por um homem foi contra sua vontade, e ela estava com medo de que todos aqueles sentimentos voltassem. E se ele tentasse e isso a colocasse em um ataque de pânico e ela acabasse vomitando no canto da jaula? Isso apenas erradicaria o progresso que eles fizeram.

Então, em vez de mover os quadris para trás, ela puxou a pélvis sob o corpo, colocando espaço entre ela e Chapman. Ela esperava que ele não ficasse desapontado. Claro, se ele fosse ser seu Senhor agora, ele poderia instruir ela a abrir as pernas e deixá-lo foder, mas ela confiava que ele não faria isso. E isso era o mais

importante. Essa confiança. No final das contas, ele era um bom homem e queria que ela melhorasse.

—Vou deixar sua bandeja, passarinho, — ele disse, ficando de pé atrás dela. —Eu quero limpar quando eu voltar.

Ela não falou, ao invés disso, abaixou-se totalmente para o fundo da gaiola. Ela nem se preocupou em se cobrir com o vestido ou puxar a calcinha de volta. O calor subiu de seu traseiro onde ele a espancou, e ela sabia que a pele ficaria sensível por algum tempo. Não apreciaria a sensação do pano.

Uma profunda sensação de paz se instalou em sua alma e, pela primeira vez, ela foi capaz de fechar os olhos e mergulhar no sono sem medo de pesadelos.

Ela não sabia quanto tempo ela dormiu ou quando ele voltou para ela.

Desta vez, ele carregou um balde de água fresco, o vapor subindo do topo, e o cheiro limpo de sabonete encheu o ar.

Seu traseiro ainda doía, mas não tanto quanto antes.

—É hora de te limpar, — ele disse a ela.

Jess se ajoelhou e acenou com a cabeça. —Sim senhor.

—Tire seu vestido.

Sem hesitar, ela alcançou a parte inferior da batinha e puxou para cima e sobre a cabeça. Ela já havia tirado a calcinha e agora

estava ajoelhada completamente nua na frente dele. Estranhamente, ela não se sentia tímida, e onde ela normalmente iria para cobrir seus seios pequenos ou colocar a mão na junção de suas coxas para esconder a pequena mecha de cabelo loiro lá, em vez disso, ela apenas cruzou as mãos sobre ela joelhos.

—Fique de pé. Vou lavar você agora.

Ela ficou de pé, antecipando a sensação do pano quente e úmido contra sua pele.

Exatamente como havia feito antes, Chapman se abaixou e tirou o pano do balde de água quente. Ele torceu e, em seguida, trouxe para o rosto dela. Seus olhos se fecharam enquanto ele gentilmente passava o pano em sua testa, nas bochechas e no pescoço. A paz interior que ela experimentou desde a surra floresceu como uma flor dentro dela, espalhando-se para fora. Ela confiava nele implicitamente. Talvez fosse disso que ela precisava o tempo todo, simplesmente colocar sua confiança nas mãos de outra pessoa?

Mas depois de tudo que ela passou, fazer isso não era uma coisa fácil.

Chapman continuou a lavar ela, alternando entre molhar o pano na água, torcer e passar em seus membros e corpo. Ele lavou seus seios e então seu estômago. Ela sugou o ar sobre os dentes quando a água quente atingiu a pele ainda delicada de seu traseiro, mas ela não fez nenhum movimento para detê-lo. Ela pertencia a ele agora, e ele poderia fazer o que quisesse com ela.

Ela afastou as pernas para que ele pudesse passar o pano quente e úmido em sua boceta, e os músculos do núcleo se contraíram com o contato de sua mão. Ela queria mais, mas ainda assim, aquele baque surdo de excitação que veio com seu toque fez seu coração bater mais forte e sua boca secar, mas não de um jeito bom. A paz que ela sentiu em sua surra a abandonou.

Ela ainda estava com medo de experimentar aquela faísca de excitação, com medo das emoções que isso iria instigar dentro dela. Ela passou tanto tempo sentindo vergonha das reações de seu corpo, especialmente quando essas reações foram nas mãos de homens que *queriam* machucar ela. Parecia fodido que agora ela precisava que ele a machucasse para fazer seu corpo responder da mesma maneira, mas era o que era. Talvez uma parte de sua cura viesse com a aceitação disso.

—Está tudo bem, Jess, — disse ele, olhando para o rosto dela. — Eu só estou lavando você. Não tem mais. Você pode relaxar. Só respire.

E ela o fez, exalando um suspiro trêmulo e o deixando continuar. Quando ele terminou, ele pegou o vestido limpo e puxou pela sua cabeça.

—Sem calcinha, — ele disse a ela, pegando sua calcinha do chão. —Vou levar isso comigo.

Ela acenou com a cabeça. Ela não tinha permissão para discutir.

Chapman guardou a calcinha no bolso.

—Você gostou antes? — Ela perguntou de repente, querendo saber o que ele estava sentindo e pensando. —A surra, quero dizer.

Ele assentiu. —Sim, muito.

—Eu quero que você me diga o que você quer fazer comigo.

Ele conteve um sorriso. —Achei que era eu quem deveria dar as instruções.

—É você. Eu sinto muito. Eu não queria falar fora de hora.

Ele tocou seu queixo levemente, erguendo seu rosto para ele. — Você pode falar quando quiser, a menos que eu diga para não fazer isso.

—Obrigada.

Ele se abaixou e deu um leve beijo em seus lábios. Ela prendeu a respiração. Beijar era outra coisa com a qual ela lutava. Era a intimidade do ato. Ela estava acostumada com os homens forçando a língua em sua boca, mesmo enquanto lutava para fugir e as lágrimas corriam por seu rosto. Querer beijar alguém de volta parecia estranho para ela.

Chapman deve ter percebido isso, ao se afastar rapidamente, mas não mencionou o beijo ou a reação dela a ele.

—Eu preciso que você me empurre, — ela admitiu. —Eu não vou me abrir a menos que você me faça sair da minha zona de conforto. Não sou forte o suficiente para fazer isso sozinha.

—Eu não quero pressioná-la antes que você esteja pronta.

—Não tenho certeza se algum dia estarei pronta.

Ele pressionou os dedos em sua bochecha. —Sim você irá. Faremos isso juntos.



Capítulo Quatorze



Eles continuaram da mesma maneira pelos próximos dias.

Ele não tentou espancar ela novamente, sabendo que sua pele precisava se curar antes de receber mais golpes. Isso não queria dizer que ele não queria que acontecesse de novo. A memória de como sua boceta estava em seus dedos, e como sua pele floresceu vermelha contra o branco de sua pele estava constantemente na vanguarda de sua mente. Ele descobriu uma habilidade de se masturbar que teria envergonhado um adolescente.

Ele sentia falta da companhia dela na casa. Ter ela trancada lá embaixo não era a mesma coisa que morar na parte principal da casa com ele, fazendo coisas normais como assistir televisão ou preparar refeições. Claro, ele poderia descer até o porão e ficar com ela lá, mas não era a mesma coisa. Ele a queria com ele, para se enrolar em sua cama com ele e dormir nos braços um do outro.

Ele sabia que Jess queria mais, que ela queria que ele fosse mais duro com ela, mais enérgico, mas ele quis dizer isso quando disse que iriam levar as coisas devagar. Ela não havia quebrado mais nenhuma de suas regras, ou feito qualquer coisa para deixá-lo com

raiva, mas ele sentiu aquela petulância dela novamente e sabia que precisava fazer algo logo. Não que ele não quisesse, mas era difícil para ele pensar em tomá-la quando isso poderia fazê-la pensar em seu tempo como uma escrava sexual. A verdade era que ele não queria despertar aquelas memórias nela, e talvez esse fosse o problema dele tanto quanto dela.

Naquela manhã, quando ele tomou seu café da manhã, ele imediatamente percebeu seu humor. Ela se sentou dentro da gaiola gigante de costas para ele, os braços em volta dos joelhos. Ele ainda não tinha permitido a ela nenhuma roupa íntima, e o sangue fluiu para seu pau com a ideia de ela estar completamente nua sob o vestido.

Ele abriu a gaiola, mas colocou a bandeja no chão do lado de fora. Ele já podia dizer que dar a ela acabaria sendo jogado nele.

—O que há de errado? — Ele perguntou a ela.

Ela falou sem se virar. —Isso não está acontecendo rápido o suficiente. Eu quero mais.

—Dissemos que levaríamos as coisas devagar, Jess. Nós dois ainda estamos Tateando o nosso caminho em torno dessa coisa.

Ela se virou para ele, e ele percebeu que ela estava chorando. Seu coração se contraiu no peito.

—Eu quero mais, — ela disse novamente, mas desta vez como um sussurro.

Em suas mãos e joelhos, ela rastejou até ele, seu traseiro no ar. Ele ficou parado, congelado em um lugar quando ela o alcançou e então agarrou seu cinto e começou a desfazer a fivela.

—O que você está fazendo? — Sua voz estava rouca, mas ele já estava reagindo à proximidade dela, sua ereção se alongando.

—Eu quero que você apenas me leve. Me coloque em minhas mãos e joelhos, puxe minha saia e me foda. Faça isso mesmo que eu esteja gritando e chorando e empurrando você para longe. É isso que eu quero. Por que você não consegue ver isso?

Ele balançou sua cabeça. —Não posso. Não gosto disso.

Ela olhou para ele com grandes olhos azuis. —Por que? O que há de errado comigo?

—Nada.

Sua ereção se curvou em uma linha grossa e dura na frente de suas calças. Ela colocou a mão sobre ele e apertou, esfregando-o para cima e para baixo, e ele conteve um gemido.

—Veja, você me quer.

—Jess não, pare.

Ela abriu o zíper de sua braguilha e enfiou a mão pequena dentro. A palma da mão dela era quente e macia e massageava para cima e para baixo em seu comprimento. Ela olhou para ele, mas tudo o que ele podia ver era desespero em seus olhos. Ele se

preocupou que ela estivesse fazendo isso porque achava que tinha que fazer, não porque ela queria.

—Jess, pare com isso, — disse ele, tentando manter o tom gentil, mas firme. O toque dela em seu pau fez seus quadris se arquearem involuntariamente, tentando se aproximar. Ela o ignorou. —Jess, — ele disse novamente. —Pare agora.

—Me deixe chupar você, — ela disse, —Coloque seu pau na minha garganta. Me sufoque com isso. Apenas me faça esquecer.

Ela havia libertado sua ereção agora, e, na posição em que estava, a cabeça estava tão perto de seus lábios, o calor de sua respiração como um fantasma em sua pele. Como ele poderia afastar ela quando a queria tanto? Ele nunca tinha estado tão dividido, mas, quando sua boca quente e úmida circulou a ponta de seu pau, sua resolução diminuiu. Ela olhou para cima com aqueles olhos grandes e inocentes, e balançou a cabeça para frente, levando ele mais fundo. Seus lábios deslizaram por seu comprimento com sucção perfeita, e ela se moveu para trás novamente, girando a língua sobre a cabeça. O prazer foi intenso, suas bolas apertando direto em seu corpo, seu abdômen, coxas e bunda. Jess soltou sua ereção, embora a manteve entre os lábios, e segurou as duas mãos dele. Ela as ergueu e as colocou na parte de trás de sua cabeça. Seu cabelo era macio sob suas palmas, e ele sabia o que ela queria. Ela queria que ele empurrasse a nuca dela, para ser mais forte, para foder sua boca com seu pau.

Ela estava fazendo isso por ele, e parecia ainda pior para ele não dar a ela o que ela queria. Ele fez isso, hesitantemente no início, observando a maneira como seu comprimento deslizava entre seus lábios perfeitos, mas ele soltou sua cabeça e puxou seus quadris para fora antes de atingir o fundo de sua garganta.

Ele não podia negar que era incrível, sua boca quente e úmida, seus lábios criando um círculo perfeito ao redor de sua circunferência com a quantidade certa de sucção, e da próxima vez ele foi um pouco mais fundo e mais forte. Determinação brilhou em seus olhos, uma ferocidade. Ele gostava dessa ferocidade também. Isso a fez parecer selvagem ao invés de mansa, e ele permitiu que seus quadris trabalhassem mais.

Seus olhos lacrimejaram, e ele atingiu o fundo de sua garganta, fazendo-a engasgar em torno dele. Seu estômago embrulhou e ele se moveu para sair, mas ela o agarrou novamente, balançando a cabeça. Seus lábios deslizaram de volta sobre ele, e ela recuperou o ímpeto que haviam perdido. Chapman entrelaçou os dedos em suas madeixas suaves e seus olhos se fecharam, se perdendo na deliciosa felicidade de ter a boca dela em volta dele. Seus quadris assumiram, resistindo mais forte, forçando seu pau mais profundo e mais rápido. Assim como ela queria, as lágrimas escorreram de seus olhos. Ela era estranhamente bonita assim, e incrivelmente sexy, e antes que ele pudesse pensar em qualquer outra coisa, uma onda de poder apertou suas bolas e sua bunda. Ele deu um grito quando ela fechou a boca ao redor dele, e ele gozou com força, o

sêmen quente atingindo o fundo de sua garganta. Ele estava tão profundo que ela mal precisava engolir.

Todo o seu corpo relaxou quando os rastros finais de seu orgasmo se dissiparam. Jess permitiu que seu pau amolecido rapidamente escorregasse de seus lábios, e ela enxugou a boca com as costas da mão.

—Jesus Cristo, Jess. Isso foi incrível pra caralho. Venha aqui, é a sua vez.

Ele queria retribuir, enfiar os dedos e a língua em sua boceta e dar-lhe o tipo de clímax que ela acabara de lhe dar, mas em vez disso ela se afastou.

—Não, eu não quero isso. Eu só quero ficar sozinho agora.

Suas palavras o deixaram perplexo. —O que?

Ela deu a ele o mais fraco dos sorrisos, mas ele poderia dizer que não era porque ela estava chateada. Na verdade, era o oposto. Ela parecia relaxada, quase tonta.

—Eu só quero dormir agora, C. Tudo bem? Você pode me deixar agora?

Ele assentiu. —Claro. Contanto que você tenha certeza de que é o que deseja.

—Tenho certeza. Acho que posso dormir agora, sem os sonhos. Eu quero.

Parecia estranho não segurar ela ou beijá-la, mas isso era o que ela queria. Ele se recompôs e saiu da gaiola.

Ele fechou o portão atrás de si, trancou e voltou para as escadas. Seu último olhar antes de desligar a luz revelou Jess enrolada de lado, a mão sob o rosto. Ela deu um suspiro de satisfação e fechou os olhos.

Pela primeira vez, ela parecia em paz.



Capítulo Quinze



Chupar o pau do Chapman assim a tornara valente.

Ela estava pronta para mais, e ela precisava que ele visse isso. Mas se oferecer a ele ia contra tudo o que vinham fazendo. Ela precisava que ele assumisse o controle.

Não havia como negar que Jess se sentia melhor. Nos últimos dias, os ataques de pânico diminuíram e uma espécie de calma tomou conta de sua mente. Ela não estava deitada acordada, revirando as coisas em sua cabeça até que pensou que ia enlouquecer, mas ao invés disso descobriu que era capaz de dormir. Chapman cuidou dela, levando-a ao banheiro para usá-lo quando ela precisasse, e a ideia do mundo exterior não parecia mais tão assustadora. Ela sobreviveu e aprendeu a viver em paz no escuro, dentro de uma gaiola. Se ela fosse capaz de fazer isso, certamente se sentiria confortável morando na casa, enrolada em uma cama e capaz de fazer suas próprias refeições. Ela esperava que Chapman ainda cuidasse dela quando ela estivesse fora da gaiola, mas ela percebeu que agora estava pensando na vida fora deste lugar. A verdade era que ela ansiava pelo prazer de afundar

em uma banheira de água quente e bolhas, e se perder em um bom livro.

Ela poderia quebrar as regras novamente para fazer ele puni-la, mas ela não queria que as coisas comesçassem assim.

Quando ele finalmente desceu para o porão, ela estava pronta para ele. Não querendo dar a ele a ideia de que não era o que ela queria, ela já havia tirado o vestido e se ajoelhado no meio da gaiola, com a cabeça baixa e as mãos no colo. Apesar de sua posição recatada, seu coração batia forte e seu estômago se agitou com o nervosismo. Ela não queria que isso desse errado. Seu medo de entrar em pânico sempre esteve em sua mente, e ela queria deixá-lo confiante, assim como a ela mesma.

A luz se acendeu, inundando o porão com iluminação. Seus passos eram lentos e deliberados nas escadas, o pulso dela acelerando a cada baque. Ela não se atreveu a olhar para ele. Ele tinha pensado nela desde a última vez? Ele gostou do que ela fez?

Sua voz soou nos confins do porão, profunda e gravemente. — Está na hora, passarinho. Você me empurrou e estou respondendo. Você consegue ver isso?

Ela acenou com a cabeça, sua frequência cardíaca disparando. Sua respiração ficou presa, seus mamilos endureceram com o ar frio. Ela esperou que aquele sentimento familiar de vergonha pulsasse por ela, mas, pela primeira vez, ele não veio.

—Eu não disse para você tirar a roupa.

—Desculpe, Senhor, — ela sussurrou.

—Isso é algo pelo qual você deveria ser punida?

—Não sei.

—E como você agiu no outro dia? É algo *que* eu deveria punir você?

—Talvez, — ela admitiu.

Ele destrancou a porta da jaula. —Talvez não é uma resposta. O seu comportamento no outro dia é algo pelo qual eu deveria te punir?

Ela acenou com a cabeça, ainda sem olhar para cima. —Sim senhor.

Ele parou na frente dela, seus sapatos pretos a centímetros de seus joelhos. —Você sabe o que eu tenho pensado desde que você chupou meu pau?

Ela balançou a cabeça. —Não senhor.

—Como seria a sensação de penetrar o resto de você. É algo com que você acha que se sentiria confortável agora, passarinho?

Jess engoliu em seco. —Eu penso que sim.

Ele deixou cair algo ao lado dela. —Quero dizer cada parte de você.

Ela olhou para baixo para ver alguns itens, uma garrafa de lubrificante e algo que parecia ser um vibrador atarracado com um círculo mais largo no final.

—Você sabe o que é isso? — Ele perguntou.

Ela acenou com a cabeça. Sim, ela os tinha visto antes. E ela não era uma novata quando se tratava de sexo anal. Os homens que a levaram cuidaram disso.

—Vai doer, — disse ela, com a voz presa na garganta.

—Não, não se fizermos certo. Se lembre da palavra segura. Se for muito, apenas grite.

—Tudo bem.

—Fique de pé.

Suas pernas ficaram rígidas sob ela, mas ela usou as mãos para se levantar do chão, levantando-se para ficar na frente dele. Ela completamente nua. Ele ainda totalmente vestido.

Seu olhar contornou seu corpo. —Porra, você é tão linda. Só de ver você assim já faz meu coração doer.

Ela olhou para ele com surpresa. —Doer?

Um pequeno sorriso tocou o canto de sua boca. —De um jeito bom. A dor também pode ser prazerosa, Jess. Você deveria saber disso mais do que ninguém. Isso pode fazer você se sentir viva.

—Sim. Sim pode.

Ele tocou sua bochecha, e ela respirou fundo. Ele ia beijá-la, ela podia sentir, e ia deixar. Se ela não podia lidar com ele beijando-a, como ela iria lidar com ele empurrando seu pau dentro de sua boceta e sua bunda? Além disso, ela teve seu pau em sua boca e na parte de trás de sua garganta e ela conseguiu isso. Certamente, ela poderia lidar com sua língua?

Sua mão escorregou de sua bochecha para a parte de trás de sua cabeça. Seus dedos se enredaram em seu cabelo e então os apertaram, os fios puxando seu couro cabeludo. Ela choramingou quando ele a segurou firme pelos cabelos, e então ele a silenciou pressionando sua boca contra a dela.

Ela resistiu no início, seu corpo tenso, mas a língua dele traçou ao longo da costura de seus lábios, forçando a abertura de sua boca.

Jess gemeu em sua boca e relaxou nele, esmagando seus seios pequenos contra a frente de sua camisa. Ainda assim, ele a beijou, enxugando todo o medo e enviando uma espiral de excitação por seu corpo e condensando-se entre suas coxas. Ela o queria. Queria dar tudo a ele. Seu corpo, mente e alma.

Ele espalmou seu seio direito, torcendo e beliscando o mamilo já duro, e então sua mão deslizou para baixo, através de sua barriga lisa e entre suas coxas. Ele a havia tocado ali antes, mas não assim, e ela se preparou para uma salva de pensamentos negativos, mas eles não vieram.

Chapman parou de beijar ela, mas continuou segurando seu cabelo, mantendo-a no lugar. —Afastas as pernas.

Ela fez.

Seu corpo inteiro estremeceu quando os dedos dele se inclinaram para frente, separando sua fenda. Ela já estava molhada, seu corpo se preparando para este momento. E ele empurrou um dedo dentro dela.

Jess engasgou e tentou abaixar a cabeça em seu peito, mas ele continuou segurando seus cabelos, forçando ela a levantar o queixo.

—Olhe nos meus olhos enquanto estou tocando você, Jess. Quero ver como você se sente.

Ela engoliu em seco outro gemido quando seu polegar encontrou seu clitóris e esfregou pequenos círculos firmes. Ele acrescentou outro dedo em sua boceta.

—É isso. Boa menina, — ele a elogiou. —Eu posso sentir você apertando em torno de mim. Tão quente e úmido.

Seu corpo estava tenso com a excitação e ela olhou em seus olhos. Seu lábio inferior estava frouxo, e ela sabia, sem olhar para baixo, que o cume de sua ereção seria claramente visível através de suas calças.

O tempo todo em que ele falou, ele enfiou os dedos dentro dela, adicionando um terceiro, esticando-a. —Eu quero estar dentro de

você, Jess. Eu quero empurrar meu pau em sua boceta, e eu quero tomar sua bunda também. Seu corpo é meu agora, para fazer o que eu quiser. Isso é o que você queria, não é? Você não precisa mais se preocupar porque nada disso é seu para se preocupar. Você é toda minha agora.

Seu orgasmo bateu e Jess gritou em choque e prazer. Ela fechou os olhos com força, impedindo a visão do rosto de Chapman, incapaz de se conter. O prazer estremeceu seu caminho através de seu corpo, e sua boceta pulsou e se espalhou sobre os dedos presos com força dentro dela. A onda bateu novamente, se recusando a soltá-la ainda, seguida por outra. Chapman puxou seu cabelo e a segurou com a mão entre as coxas, não permitindo que ela caísse ou se escondesse enquanto gozava.

—Oh Deus, — ela gemeu quando as faíscas finais de seu orgasmo estremeeceram dentro dela.

Ele finalmente soltou seu cabelo. —Boa menina. Esse foi para você. O próximo é para mim. Você entende?

Jess assentiu e caiu de joelhos, respirando com dificuldade.

Ele se livrou de suas roupas, e ela se permitiu um vislumbre de seu belo corpo, seu pau se projetando em sua direção. As cicatrizes da bala que ele levou, e quase morreu, torceram sua pele, e ela notou várias outras cicatrizes também, embora ela ainda não soubesse de onde elas se originaram. Ela esperava que isso aconteceu com o tempo.

Ele se abaixou e pegou os dois itens que havia deixado cair.

—Você tem uma bunda linda, passarinho, — ele disse, se movendo ao redor dela. —Há meses que estou querendo ver meu pau esticando e abrindo seu buraco. Você sabe como é difícil querer essas coisas e não ser capaz de tocar em você?

Ela acenou com a cabeça. —Sim. Sim eu sei.

—Isso acaba agora.

Ele parou atrás dela e caiu de joelhos. Ela ouviu o clique de uma tampa abrindo, e um jato frio de gel atingiu sua bunda. Ela automaticamente ficou tensa novamente.

—Se lembre de sua palavra de segurança, Jess. Não tenha medo de usar ela.

Ela assentiu, mas ficou quieta.

Seus dedos encontraram seu traseiro, e ele espalhou o gel para baixo e sobre seu traseiro. Faíscas a atravessaram e ela ficou tensa.

—Relaxe, passarinho. Você sabe que eu nunca te machucaria.

Ele estava certo, este não era o homem que a tinha levado e abusado dela. Este era Chapman, o homem que dobrou sua moral uma e outra vez para dar a ela o que ela precisava.

Ela respirou fundo e relaxou.

—Isso mesmo, — ele encorajou.

Ele usou os dedos para circundar seu buraco e massagear o gel. Isso não era nada como os tempos ásperos e dolorosos que ela experimentou, e quando ele empurrou um dedo em sua bunda, toda sua boceta se apertou de prazer.

—Oh merda.

—É isso aí, boa menina.

Ele trabalhou nela, adicionando um segundo dedo e abrindo os dedos para esticar ela. —Estou usando o plugue agora.

Com a cabeça ainda baixa, o cabelo caindo sobre o rosto, ela assentiu.

Seus dedos saíram de sua bunda e foram substituídos por uma borracha fria e escorregadia. Ela sabia que ele tinha molhado o brinquedo com lubrificante também. Houve um momento de tensão quando ele o pressionou contra seu buraco, mas então a tensão se dissipou e o brinquedo escorregou para dentro de seu corpo.

—Só respire.

Ela estava ofegante, sentindo que ia enlouquecer de prazer. Por que ela esperou tanto tempo? Isso era o mais incrível que ela sentiu em muito tempo, e ele ainda não a tinha fodido. Mas isso estava chegando.

—Estou pegando sua boceta primeiro e depois sua bunda. Se vamos fazer isso, estamos fazendo certo.

—Quero isso. Apenas me foda.

Ela ouviu o sorriso em sua voz. —Boa menina

Ele cutucou suas pernas separadas, e então a cabeça de seu pau pressionou em sua fenda molhada, e ele deslizou para dentro dela. Ele não era áspero ou rápido, mas gradualmente escorregou, centímetro por centímetro, fazendo Jess enrolar os dedos contra o chão da gaiola, desejando ter algo em que se agarrar.



Capítulo Dezesseis



Chapman mal podia acreditar que finalmente estava dentro dela.

Ela era tudo o que ele tinha imaginado.

Ele dirigiu fundo, sentindo a protuberância do plug em sua bunda esfregar o topo de seu pau enquanto ele empurrava dentro dela, afundando centímetro a centímetro até que ele estava embainhado até a raiz. Ele ficou assim por um momento, precisando respirar ele mesmo, saboreando a sensação de seu canal preso com força ao redor de seu pau. Seus ombros estreitos subiam e desciam a cada respiração. Como ela estava se sentindo agora? Que pensamentos estavam passando por sua cabeça? Ela estava vivendo apenas no momento, ou seu pau dentro dela a enviou de volta aos dias que ela passou como uma escrava sexual?

Era apenas uma questão de segundos, mas aqueles segundos significaram tudo. Se ela gritasse a palavra segura, ou explodisse em lágrimas e se jogasse para longe dele, ele saberia que estava tudo acabado. Mas ela não fez isso. Em vez disso, ela empurrou seus quadris para trás, contra os dele, levando ele ainda mais fundo, se tal coisa fosse possível.

Ela queria isso.

Ele puxou para fora, mas não totalmente, observando sua ereção deslizar entre suas dobras. Sua cabeça girou com o quão insanamente sexy era de assistir, especialmente com o plug anal empalado em sua bunda.

Com um grunhido, ele empurrou de volta, batendo seus quadris contra seu traseiro, o movimento a empurrando para frente. Era assim que Jess queria. Não beijos suaves e palavras suaves, mas ásperos e primitivos.

Ele se inclinou sobre ela por trás e colocou a mão em volta do pescoço dela, empurrando ela para baixo para que seu rosto ficasse pressionado no chão. A posição levantou seu traseiro ainda mais alto, e ele sentiu como se não pudesse ir mais fundo. E era isso que ele queria, estar tão profundamente dentro dela que perdessem a noção de onde ele terminava e ela começava. Ela o havia levado nessa jornada ao longo dos últimos meses. Ele cresceu como um homem, como um amante. Ele passou a maior parte de sua vida adulta em uma carreira que envolvia proteger as pessoas, mesmo que essas pessoas em particular não fossem exatamente cumpridoras da lei, mas agora ele tinha alguém que realmente queria proteger, não porque estava sendo pago para fazer então, mas porque ela significava mais para ele do que qualquer outra coisa neste mundo inteiro.

Jess ergueu os olhos para ele, a bochecha pressionada contra o fundo da gaiola de passarinho que fora sua casa na semana

anterior. Ela deu pequenos gritos cada vez que ele empurrava dentro dela, e seu rosto estava enrugado em uma bola de prazer.

Ele alcançou a base do plug em sua bunda com a mão livre e aplicou pressão extra. Sua boceta se apertou ao redor de seu pau e suas mãos se fecharam em punhos. Ele poderia dizer que ela estava perto de novo, e ele também, suas bolas se contraindo em seu corpo.

—Estou indo, C.— Ela engasgou. —Oh Deus, estou gozando.

Sua boceta se contraiu em torno de seu pau, ordenhando ele, mas quase milagrosamente, ele conseguiu se segurar.

Ele esperou até que o orgasmo dela se liberasse. Com cuidado, ele removeu o plug de sua bunda e jogou para o lado, mas ele segurou sua nuca, mantendo seu rosto no chão e seu traseiro para cima.

—Eu prometi que levaria tudo de você, passarinho.

Ele pegou o lubrificante e rapidamente esguichou um pouco mais pelo comprimento de seu pau. Seu pau já estava escorregadio com seu gozo, mas ele percebeu que mais era definitivamente o melhor nesta situação.

Seu buraco ficou aberto, ainda sem ter se apertado de volta por ter o plug dentro dela. Isso era bom. Isso significava que seu corpo estava pronto para ele. Ele posicionou a cabeça de seu pau em sua bunda larga e faminta e entrou.

Jess gritou, mas ele não a soltou. Se ela usasse a palavra segura, ele o faria em um instante, mas não antes disso.

Com seu pau profundamente em sua bunda, ele retirou a mão e deu um tapa em seu traseiro.

Ela gritou novamente.

—Isso é por tirar suas roupas sem eu mandar, — ele rosnou.

Ele deslizou um pouco para fora e então empurrou de volta. Ela era tão apertada e macia, e ele combinou o impulso com outro tapa.

—E isso foi por chupar meu pau quando eu disse não.

Jess gemeu de novo, e ele cerrou os dentes, tentando se controlar. Ele gozaria a qualquer momento. Ele puxou e dirigiu fundo, correspondendo mais uma vez com uma palmada. —E isso é por jogar sua bandeja de comida.

Ela gritou, e ele observou o vermelho florescer em sua pele.

Ele não conseguia mais se conter. Cedendo a todo abandono e pensamento racional, ele pressionou com mais força sua nuca e a fodeu rapidamente. Ele apertou a mandíbula quando seu orgasmo aumentou através de suas bolas e finalmente o liberou. Ele gozou com um prazer confuso, disparando um jorro de sêmen após o outro, esvaziando-se em sua bunda. Jess estremeceu e sacudiu quando outro orgasmo pulsou por seu corpo, e ele se segurou profundamente até que ela finalmente relaxou e ficou quieta.

Ele soltou a nuca dela e a ergueu, segurando ela de forma que suas costas estivessem pressionadas contra seu peito, e sua bunda aninhada contra seu pau rapidamente amolecido. Ela torceu o rosto para beijá-lo, e ele obedeceu, reivindicando sua boca, mas gentilmente desta vez, até que sua respiração se tornou sussurros suaves em seus lábios.

—Como foi isso? — Ele perguntou.

Ela riu, e ele pensou que era o som mais doce que ele já tinha ouvido. —Isso foi bom.

—Sem ansiedade, sem medo?

—Um pouco, no início, — ela admitiu, —mas nada como eu estava com medo que fosse. Você me ajudou, C. Obrigada.

Ele a beijou novamente, e ela se contorceu em seu colo. Os braços dela deslizaram ao redor do pescoço dele, e ele prendeu os braços em volta da cintura dela, e eles ficaram sentados assim, abraçados por mais tempo, rostos pressionados juntos, olhos fechados, absorvendo o simples e puro prazer de ser abraçado por outra pessoa.



Capítulo Dezesete



Jess decidiu sair da jaula.

Era um grande passo para ela, e ela se preocupou em voltar a ser como era antes, mas Chapman estava com ela o tempo todo, e saber que ela poderia voltar para a gaiola se necessário era o suficiente para manter ela calma. Ela jogou o vestido pela cabeça, e ele devolveu a calcinha para ela, mas não sem um sorriso conhecedor que lhe disse que ela não iria mantê-la por muito tempo.

Ele segurou a mão dela enquanto subiam as escadas para a parte principal da casa. Fazia apenas uma semana desde a última vez que ela esteve aqui, além das idas ao banheiro, mas parecia muito mais tempo.

—O que agora?

Ela sorriu para ele. —Agora acho que vivemos nossas vidas.

—E como isso começa?

—Que tal uma xícara de café e depois um banho longo e quente.

Chapman riu. —Acho que podemos administrar isso.

Juntos, eles foram para a cozinha e Chapman começou a fazer café.

—Então, — ele perguntou a ela. —Você pode estar fora da gaiola, mas isso significa que não posso mais dizer-lhe para ficar de joelhos quando eu quiser?

Ela se virou para ele. —Estou fora da gaiola, mas isso não muda quem eu sou. Eu ainda quero que você me domine. Eu ainda quero que você cuide de mim. Eu sei que não é assim que uma mulher adulta deve viver, mas talvez seja isso que eu preciso para me sentir normal.

Ele ergueu uma sobrancelha. —Isso dificilmente é normal, Jess.

—Não, não é a versão normal de muitas pessoas, mas pode ser a nossa.

—Então o que você está dizendo? Que este é o nosso novo normal, posso te empurrar e segurar você, arrancar sua calcinha do seu corpo e foder você, o que quer que você esteja fazendo, quando eu quiser?

Ela acenou com a cabeça. —Eu quero ser sua. Quero que você me olhe como se fosse meu dono. Eu quero essa proteção, para você me proteger como se eu fosse um bem precioso.

—Você é preciosa, Jess. Eu não preciso ser seu dono para saber disso.

—Obrigado, mas isso não é sobre você. É sobre mim.

—Somos dois nessa relação, — alertou.

Ela deu uma pequena risada. —E não tente me dizer que você não gosta dessa ideia. Não me diga que você não gozou mais forte do que jamais gozou em sua vida quando me fode assim, quando me bate enquanto me penetra, quando me força a ficar de joelhos e fode minha boca.

—Porra, Jess. — Suas bochechas ficaram rosadas, e ela podia ver que suas palavras o estavam afetando.

—É como me sinto amada, C., — disse ela, gentilmente. —É como me sinto desejada, segura e querida. Sim, estou fodida, eu sei disso, mas você não pode fingir que a semana passada não foi revolucionária para você também. Você realmente quer que acabe?

Ele balançou sua cabeça. —Não, Jess. Eu não quero que isso acabe. Eu te amo. Estou obcecado por você. Andarei sobre brasas se você me pedir. Se é assim que você quer que vivamos, então farei tudo ao meu alcance para que funcione.

Um sorriso tocou seus lábios. —Eu também te amo, C. Pela primeira vez desde que fui levada por aqueles homens, meses atrás, me sinto completa novamente.

Ele deixou o café e se virou para ela, pegando ela pela mão e puxando contra ele. —E isso é tudo que eu sempre quis.

Ela respirou fundo. Agora era a hora de admitir seu segredo mais profundo e sombrio, algo que ela pensava que nuncaalaria em voz alta para ninguém.

—Posso te contar uma coisa?

Ele franziu a testa ligeiramente, mas acenou com a cabeça. — Claro. Tudo.

—Quando começamos isso, você me fez prometer algo.

—Sim, que você sempre seja completamente honesta comigo.

—Isso mesmo. Há algo que eu não disse a você, mas é porque eu estava preocupada que mudasse o que você sentia por mim.

—Jess, nada poderia mudar o que sinto por você.

Ela esperava que isso fosse verdade.

—Eu não tinha muita experiência com sexo antes de ser levada, — ela admitiu. —Tive alguns namorados e até mesmo um caso de uma noite, mas o sexo era apenas atrapalhado. Não senti nenhum tipo de ligação emocional com os homens e só o fiz porque pensei que era o que se esperava de mim. Certamente não achei prazeroso. Mas então, quando fui levada, fiquei com tanta vergonha porque meu corpo respondeu quando os homens que me levaram me bateram e depois me estupraram.

A mandíbula de Chapman cerrou, seus lábios se apertaram, suas narinas se dilataram. Ele largou a mão dela para fechar as mãos em punhos ao lado do corpo. —Eu mataria aqueles filhos da puta de novo se eles já não estivessem mortos.

Ela tocou as costas da mão dele. —Eu sei. Eu também. Mas ouça o que estou dizendo.

Parecia um alívio colocar isso para fora, como se ela estivesse se livrando de um enorme peso que carregava.

—Acho que o que quero dizer é que talvez no fundo eu já fosse uma submissa e, embora minha cabeça não soubesse disso naquele momento, meu corpo sabia.

—Jess, ser submissa não é a mesma coisa que ser sequestrada, espancada e estuprada.

—Eu sei que. Por favor, C., não tente colocar na minha boca como você *acha que* eu deveria me sentir sobre as coisas. Eu sei o que é certo e o que é errado, e é por isso que tudo isso tem sido tão difícil para mim.

Ele balançou a cabeça e desviou o olhar. —Desculpe.

—Tudo bem. Eu sei que isso deve ser difícil para você ouvir também. Mas houve momentos em que fiquei molhada por causa deles, os homens que me levaram e estavam me estuprando e me entregando aos amigos. Eu não queria que meu corpo respondesse, isso me horrorizou mais do que qualquer coisa, mas houve momentos... — Sua voz falhou enquanto ela tentava forçar as palavras para fora. —Houve momentos em que tive orgasmo, e eu odiava isso. Eu odiava que eles pudessem forçar esse prazer para fora de mim, e isso me fazia me odiar mais e mais cada vez que isso acontecia. Era como se eu estivesse gostando, embora odiasse, e é por isso que tem sido tão difícil me permitir estar com você. A memória daqueles orgasmos e a maneira como me senti quando

eles aconteceram estava tudo emaranhado na minha cabeça, e então eu senti que se me permitisse sentir esse tipo de prazer, isso me faria uma pessoa ainda pior do que já sou.

—Oh querida. — Ele a puxou para seus braços. —Você não é uma pessoa ruim. O que aconteceu com você não foi sua culpa, e a forma como seu corpo reagiu foi apenas para se proteger. Não significa que você queria ou pediu.

Lágrimas silenciosas escorreram por seu rosto e ela se agarrou aos braços dele, o rosto enterrado em seu peito.

—Você tem razão. — Ela acenou com a cabeça contra ele. —Eu sei que você está certo. Mas também acho que aquela parte submissa de mim estava entrando em ação. Talvez eu nunca quisesse que acontecesse assim, mas uma pequena parte de mim reconheceu que sexualmente eu queria ser dominada.

—E não há nada de errado com isso, Jess. Mas você precisa separar em sua cabeça o que estamos fazendo em comparação com o que aconteceu com você quando foi levada.

—É disso que se trata. Estou tentando.

Ele beijou o topo de sua cabeça. —Eu sei que você está, passarinho. E estou tão orgulhoso de você.

Ela olhou para ele com surpresa. —Você está? Por que?

—Claro que estou. Depois de tudo que você passou, você ainda está lutando. Você ainda deseja se conectar, emocionalmente e

fisicamente. Outros já teriam desistido, mas veja tudo o que você fez para ficar bem.

—Para você, — ela disse. —Eu fiz isso por você.

—Eu quero que você tenha feito isso por si mesma também.

Ela acenou com a cabeça. —Você está certo, e eu fiz. Mas eu não poderia ter feito nada sem você. Eu posso ter me colocado na gaiola, mas foi você quem me libertou.

Ele ergueu o rosto dela e roçou levemente seus lábios contra os dela. —E é assim que você vai ficar, passarinho. Livre.

Fim



Sobre A Autora



Marissa Farrar sempre foi apaixonada por estar apaixonada. Mas como ela está casada há vários anos e tem três filhas pequenas, ela conduziu seus casos de amor com vários homens lindos de persuasão fictícia.

Autora de mais de trinta romances, é autora em tempo integral há seis anos.